

Padre José de Sousa Amado
– Uma biografia

JORGE AMADO RODRIGUES

© Jorge Amado Rodrigues

Porto

Quarentena de 2020/21

*O presente artigo não segue o Acordo Ortográfico de 1990
cujo conteúdo o seu autor não reconhece.*

Resumo

José de Sousa Amado nasceu numa aldeia na periferia de Coimbra e, sendo o filho mais velho, foi estudar tornando-se padre e professor do liceu.

Na sua carreira muito se destacou quer por ser demasiado exigente quer por amedrontar os seus alunos. Considerava não haver livros didácticos da sua confiança, e por isso passou a escrevê-los, sendo alguns deles sucessivamente editados ao longo dos anos.

Foi uma figura incontornável no século XIX. Defensor exacerbado dos princípios morais e sobretudo religiosos nunca se deixou convencer pela onda de mudança que percorreu o seu tempo. A forma como expunha as suas ideias e como se insurgia contras as opiniões alheias deram lugar a amplas críticas e gracejos de toda a ordem, que sobre si os seus opositores abundantemente escreveram.

Passou a sua vida a lutar, porventura ingloriamente, contra todos aqueles que ousavam pensar de modo diferente, defendendo ideias conservadoras e moralistas, e desafiando assim os tempos de mudança em que vivia e nos quais nunca se integrou.

Atreveu-se a participar em todas as polémicas públicas, e foram várias, tendo-o feito sobretudo nas colunas dos jornais onde regularmente escreveu.

A sua actividade pública trouxe até si as críticas da sociedade, frequentemente publicadas nos periódicos de então, algumas insinuosas e contundentes, outras jocosas e ridicularizando o seu destinatário.

No entanto as suas convicções nem por isso deixaram de impressionar os seus opositores, aqueles a quem a sua palavra nunca chegou.

Sousa Amado morre quase no fim do século, isolado e incompreendido pelos seus pares.

Jorge Amado Rodrigues

José de Sousa Amado, nasceu em Assafarge, nas imediações de Coimbra, a 27-3-1812. Foi o primeiro de cinco filhos de João de Sousa Amado, sapateiro, e de Joaquina Inácia¹. O seu padrinho foi S.José, venerado na igreja paroquial onde foi baptizado, e que lhe deu o nome.

Esteve matriculado na Universidade de Coimbra no ano lectivo de 1830-31 para aritmética, geometria, geografia e cronologia. Residia nessa altura na Couraça dos Apóstolos, n°414².

Depois terá interrompido os estudos por alguns anos; inicialmente devido ao facto da Universidade ter estado encerrada até 1834 por determinação do governo miguelista.

Voltou a matricular-se em 1838 no curso de teologia no qual se veio a formar em 7-6-1842. Durante este período morou no n°5 da Couraça de Lisboa, depois no n°10, mais tarde na rua dos Militares n°158, e de novo na Couraça de Lisboa n°7. No ano de 1840-41 frequentou aulas de grego e em 1843-44, já formado, aulas de alemão. Residia então no largo da Feira n°253³.

É nesta altura que revela pela primeira vez a sua faceta de escritor religioso ao publicar o seu primeiro título conhecido: “O mez de Maio ou mez da familia em honra de Maria Santissima”. Os seus escritos doutrinários denunciam uma formação muito conservadora, frequentemente radical, que vem a demonstrar amiúde.

Colaborava também com artigos para o jornal “O Catholico”, que se publicou em 1842-43.

Ingressou a seguir no Liceu Nacional de Lisboa, estabelecimento este criado por Passos Manuel em 1836, e no qual veio a desenvolver toda a sua carreira de professor. Aqui se afirma uma

¹ Livro de registos mistos da paróquia de Assafarge de 1776–1859, baptismo a fls.31v. O nome da mãe aparece tanto no registo de casamento como em outros registos como Joaquina Engrácia.

² Da “Relação e Índice Alfabético dos Estudantes Matriculados na Universidade de Coimbra” do ano lectivo de 1830-31.

³ Da “Relação e Índice Alfabético dos Estudantes Matriculados na Universidade de Coimbra” dos anos lectivos de 1838 a 1844.

personalidade rigorosa e extremamente exigente nas suas aulas, porventura de forma excessiva, tendo-lhe as suas atitudes granjeado muita fama, por atemorizar os seus alunos.

Zelava por todos os princípios que considerava essenciais à formação dos seus alunos, não só os que diziam respeito ao conhecimento da pátria, como da língua portuguesa, da história e da geografia, mas também à educação religiosa, numa versão muito ortodoxa, mesmo para a época.

A 9-07-1849 é nomeado professor vitalício da 6ª Cadeira (História, Cronologia e Geografia, especialmente a Comercial) da Secção Ocidental do Liceu Nacional de Lisboa⁴.

Como complemento da sua profissão mantém ao longo dos anos uma actividade muito produtiva como escritor de livros doutrinários e didácticos, profusamente editados e corrigidos numa tentativa de aperfeiçoamento continuado do seu conteúdo. Foi o que aconteceu com o seu “Compêndio de Doutrina Cristã, precedido dos princípios gerais de moral” publicado pela primeira vez em 1845. Numa edição posterior de 1856 o livro termina com a seguinte declaração assinada pelo autor, onde este afirma um dos seus princípios:

“O Ex.mo sr. Cardeal Patriarca autorizou a publicação deste compêndio. Como prelado desta diocese é a unica autoridade a cuja censura cumpria sujeitá-lo. Não reconhecemos outra — a civil: Não a queremos reconhecer: nunca a reconheceremos.”

Este e outros livros de Sousa Amado foram também levados às Colónias e ao Brasil.

Em 19-1-1867, em carta dirigida ao Ministro do Ultramar, o Deão e Governador do Bispado de Angola António Guedes Coutinho Garrido agradecia a recepção de “*cinquenta exemplares do Compendio de doutrina Cristã, oferecidos pelo Presbitero Jose de*

⁴ No ANTT, no Registo Geral de Mercês, D.Maria II – Livro 33 a fls.15-16.

*Sousa Amado, para serem distribuídos nesta diocese pela forma que mais possa aproveitar ao ensino da Religião*⁵.

Na polémica que se instalou a partir da carta “Eu e o Clero”, escrita em 1850 por Alexandre Herculano para o Cardeal Patriarca Dom Guilherme Henriques de Carvalho⁶, acusando os padres de tomarem posições contra o liberalismo, também Sousa Amado se insurgiu como habitualmente, na defesa da ortodoxia da igreja.

Em boa verdade os seus escritos reflectem muito do que se passou na época em que viveu, na política, na religião e na sociedade.

Ultramontano e legitimista⁷, homem de grandes convicções conservadoras, teve na época uma importância reconhecida pelas suas opiniões, as quais defendia com grande veemência. Com a sua ajuda se propagavam no Portugal dos anos cinquenta e sessenta de oitocentos as mais “*enquistadas e retrógradas ideias sociais e anti-científicas*”⁸ num permanente confronto com a cultura e a sociedade de então.

Consequentemente cria então de si próprio uma imagem que se afirma ao longo do tempo, e que os seus opositores e detractores não se cansarão de criticar e até ridicularizar.

Entre 1855 e 1857, foi redactor do semanário “O Domingo”, para o qual redigiam também, entre outros, Sousa Monteiro⁹ e o padre

⁵ Em “Angola / 1596-1867”, vol.1, de António Brásio.

⁶ Guilherme Henriques de Carvalho [1793–1857] foi o 9º Cardeal Patriarca de Lisboa após 1845.

⁷ Ultramontanos os que consideram a autoridade do papa acima de todas as outras, relativamente à fé e aos normativos. Legitimistas os defensores dos princípios tradicionalistas e dos direitos dinásticos de D.Miguel de Bragança.

⁸ Paulo Mendes Pinto em artigo sobre “História Religiosa de Portugal” v.III in “Revista Portuguesa de Ciências das Religiões”, nº2, 2002.

⁹ José Maria de Sousa Monteiro [1810-1881], advogado, e jornalista de grande importância na sua época, sobretudo pelo vigor dos seus artigos ultramontanistas e conservadores. Tinha na verdade valores e ideias próximas das de Sousa Amado, a quem defende empenhadamente como acontece em “O Apóstata Confundido”. Foi proprietário e redactor principal do jornal “O Domingo” ao qual veio a suceder o “Bem Público”. Foi também o redactor principal do “Echo de Roma”, e escreveu ainda para vários outros. Deixou também importantes trabalhos de história e de geografia.

Rademaker¹⁰. Após a extinção deste jornal e até 1858 Sousa Amado foi redactor permanente do “Bem Público”¹¹, mantendo depois com ele uma relação mais ocasional, até 1876. Eram também redactores deste periódico o seu fundador Sousa Monteiro, Almeida Pedroso¹², o Marquês de Valada¹³ e outros. Sobre este jornal dizia um articulista em outra publicação que “*Escuso dizer-lhe que este periódico anda sempre em occasiao proxima com os que encontra no caminho. A tolerancia não he o seu forte, o que dá lugar ás vezes a renhidas escarapellas*”¹⁴. Publicaram-se também artigos seus em “A Família”, no “Echo de Roma” e em “A Nação”. Neste último colaborou Sousa Amado entre 1856 e 1886, não só fazendo nele a apresentação e o anúncio dos seus escritos, como redigindo os artigos de opinião. “A Nação” era pois um jornal religioso e político como se intitula, legitimista e conservador, de referência, que congregava várias figuras desta área como D. Jorge de Locio¹⁵ seu redactor principal.

Também se pronunciava contra outras religiões, nomeadamente o protestantismo, fazendo inúmeras insinuações como a de que se serviam dela com vista ao lucro.

Em 12-3-1856, na sequência de uma onda de conversões ao protestantismo havida na Madeira, o bispo D. Manuel Martins Manso

¹⁰ Carlos João Rademaker [1828-1885], padre jesuita, fomentou a reinstalação da Companhia de Jesus em Portugal. Em 1858 fundou o Colégio de Campolide, em Lisboa e, anos mais tarde, o Colégio do Barro, nos arredores de Torres Vedras de que se falará adiante.

¹¹ Segundo Jesué Pinharanda Gomes [1939-2019] no “Pensamento Português”, vol. VII, este periódico que sucedia a “O Domingo”, “compendia tanto material ideológico da sua época, que uma história da vida portuguesa, já política, já eclesial, não pode ser escrita, sem a sua prévia leitura”.

¹² Fernando Maria d’Almeida Pedroso [1817-1910], jornalista legitimista, foi redactor e director de “A Nação” durante anos, redactor do “Echo de Roma”, e do semanário “O Católico” cuja publicação iniciou com Gomes de Abreu.

¹³ O 2º Marquês de Valada, José de Menezes e Távora Rappach da Silveira e Castro [1826-1895].

¹⁴ No “Diário de Pernambuco” de 30-1-1858.

¹⁵ Jorge Eugénio de Locio [1819-1883], natural de Pernambuco, formado em Direito em Coimbra, superintendente das alfândegas do Algarve, desembargador da Relação do Porto, fidalgo da Casa Real. Foi ainda escritor e jornalista, e chefe do Partido Legitimista, causa pela qual chegou a estar preso e condenado à morte. Conforme “A Nação” de 9 e 10-1-1883.

publica uma pastoral. Tendo sido dada a conhecer na metrópole¹⁶, imediatamente a seguir escreve Sousa Amado uma nota onde divaga sobre o assunto. Considera que a fome que tem havido nas ilhas britânicas nos últimos anos é “*castigo sem dúvida atraído pelo abandono da Religião, que ia tomando proporções assustadoras*”. E continuava dizendo que a religião protestante “*é filha da paixão e do erro, que começando por crimes, e empregando todos os meios para chegar a seus fins, como são a impostura, a calúnia, e a hipocrisia, nunca se farta de desgraçar povos e Nações, onde uma vez chega a prevalecer. O maior castigo que Deus pode mandar a um povo, não é como geralmente se pensa, nem a fome, nem a peste, nem a guerra, mas sim alguma religião falsa, o protestantismo, por exemplo, o kalismo. (...) Mas quando Deus castiga com o protestantismo! então há prova de abandono, então Deus diz a estes povos, o mesmo que pelo Profeta Oseias (cap.IV): Vós não sereis mais meu povo, nem eu serei mais vosso Deus.*”

Também exemplificava referindo um proprietário protestante em Lisboa que andava a construir umas casas, pagando aos trabalhadores os dias da semana segundo o habitual, e que nos Domingos e feriados acrescentava aos salários um terço mais. E acrescentava: «*Vejam que apóstolo da desmoralização!*»¹⁷.

O tema foi naturalmente motivo de várias obras suas, a começar pela tradução do trabalho de William Corbett, “História da reforma protestante em Inglaterra e Irlanda, fazendo ver que este acontecimento abateu e empobreceu a maior parte dos habitantes d’estes países” que editou em 1864.

Escreveu uma outra em 1873, porventura bastante mais polémica intitulada “Os protestantes desmascarados, ou os protestantes de hontem, de hoje e de amanhã”. Três anos após a publicação, já em 1876, aparecia em Lisboa um folheto anónimo chamado “Os romanos mascarados” que mais não era que um ataque a Sousa

¹⁶ Em “O Domingo” nº54 de 17-5-1856 e referida em “Dom Manuel Martins Manso: Bispo do Funchal e da Guarda” de Jesué Pinharanda Gomes.

¹⁷ Ibidem.

Amado e ao seu texto. A defesa do padre Amado é feita em muitos artigos da autoria do padre Conceição Vieira¹⁸ e do padre Gonçalves d'Aguiar¹⁹ tendo durado alguns meses²⁰.

Percebe-se ser o Marquês de Pombal a figura histórica mais odiada por Sousa Amado, facto que é várias vezes denunciado nos seus escritos sobre o ministro de D. José I²¹.

Deixou o Marquês de Alorna — D. João de Almeida Portugal — um manuscrito relatando as vicissitudes passadas na prisão por ordem do Marquês de Pombal, por suspeição de estar relacionado com o atentado ao rei e pelo parentesco com os Távoras. Pela mão de Sousa Amado foi publicado esse trabalho em 1857 com o título de “As prisões da Junqueira durante o ministério do Marquês de Pombal, escritas ali mesmo pello Marquês de Alorna, uma das suas vítimas. Publicadas conforme o original.”, obra que ainda hoje suscita interesse histórico.

Com alguma óbvia polémica, publica em 1858 o livro “Cautela com os médicos ou observações e exemplos sobre a conveniência e necessidade de não convidar nunca senão os médicos religiosos, e de rejeitar sempre os médicos ímpios”.

Foi também conhecido o “Compêndio de Geografia das Províncias e Colónias portuguesas de Além-Mar na Europa, África, Ásia e Oceânia”, e “Três cartas geográficas coloridas dos Açores, Angola e Estado da Índia”, publicados em 1861.

¹⁸ Trata-se de José António da Conceição Vieira [1831-1910], padre legitimista, colaborador de “A Nação” e do “Bem Publico”. Foi tesoureiro da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Tem obra escrita.

¹⁹ José Gonçalves d'Aguiar [1831-1894]. Desembargador da Relação e Cúria Patriarchal. Foi nomeado pelo papa Leão XIII Monsenhor e seu Camareiro de Honra. Autor e tradutor de obras religiosas.

²⁰ Em “A Nação” entre 4-4-1876 e pelo menos até meados de Setembro seguinte.

²¹ Trata-se de “Perseguição do Marquês de Pombal à devoção em desagravo ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia em 1765”, publicado em “O Domingo” em 15-11-1856. Este artigo aparece na sequência de vários outros de crítica explícita e contundente à acção de Pombal os quais, em “A Nação”, provocaram uma reacção na qual o periódico procura descolar com veemência daquelas posições extremadas. Tais artigos não foram assinados, mas não seria despropositado pensar que pudessem ser também da autoria de Sousa Amado.

A 22 de Julho de 1864 acompanhou o cardeal patriarca Dom Manuel Bento Rodrigues da Silva²², juntamente com o padre José Inácio Roquete²³ numa viagem que aquele fez aos Pirinéus, por motivos de saúde. Saíram de Lisboa no vapor francês “Ville du Havre”²⁴.

Ainda em 1864 aparece à venda o livro “Vida de Jesus”. O seu autor Renan²⁵, procura desmistificar a vida de Jesus, desconsiderando qualquer aspecto de sobrenatural naquela. O jornal “A Nação”²⁶ insurge-se contra a publicação e intima o Cardeal Patriarca dizendo que *“se V. Em.^a parecer dormir, se V. Em.^a parecer surdo, se V. Em.^a continuar mudo, consideramo-nos também com o direito e com a obrigação de clamar oportuna e importunamente para que V. Em.^a accorde, e nos ouça e levante a voz, no meio das suas ovelhas escandalizadas”*. No número seguinte²⁷ o mesmo periódico publica uma carta do Padre Amado e um comentário à mesma. No texto é perceptível o incómodo do seu autor não ter sido o primeiro a escrever sobre o assunto. Justifica os bispos da igreja que haviam já tomado medidas e defende também o Patriarca dizendo *“que sua emm.^a não quer que algum deputado catholico lhe tome o passo, e va exigir no parlamento, que o governo satisfaça o que deve á lei, e á religião. V. conhece agora que sua emm.^a não dorme, não está surdo, e que não ficará mudo”*.

E mais acrescenta Sousa Amado sobre a obra dizendo *“que aos olhos da sciencia, da theologia, e da historia é uma obra essencialmente desprezivel, é um romance ensidioso, e nisto está todo o seu merecimento, mas romance tão pouco cauteloso, que*

²² Manuel Bento Rodrigues da Silva [1800-1869], 10º cardeal-patriarca de Lisboa desde 1858.

²³ José Inácio Roquete, ou José de Nossa Senhora do Cabo Roquete [1800-1870] foi autor e tradutor de obras de teologia, a história e a didática.

²⁴ No “Bem Publico” de 6-8-1864 e em “O Tribuno Popular” de 27-7-1864.

²⁵ Joseph Ernest Renan [1823-1892] foi um estudioso e historiador das religiões. O livro referido, muito importante na época, foi êxito de vendas e traduzido em inúmeras línguas.

²⁶ Em “A Nação” de 11-3-1864.

²⁷ Idem, em 16-3-1864.

nem ao menos se soube em tantos e tantos logares disfarçar a mentira, ou a má fé.

Mas este livro, como o cavallo de Troia cheio de soldados armados, está prenhe de principios desorganizadores da sociedade: neste caso, é de esperar, que o governo portuguez cumprirá o seu dever impondo ao editor as penas das leis vigentes, e que prohibirá a circulação da edição”.

Estando em 1865 o país em envolvimento na polémica acerca do novo Código Civil, Sousa Amado escrevia ao seu principal revisor, o Dr. Vicente Ferrer Neto de Paiva²⁸, uma carta aberta na qual veementemente enaltecia as virtudes do casamento católico e amesquinhava a legislação que se projectava, a qual “*nem sequer inquiria das opções religiosas dos cônjuges*”, recorrendo ao exemplo do mau comportamento dos franceses invasores, especialmente o vandalismo e o roubo de igrejas, capelas, e confrarias; era, segundo ele, devido ao facto de os soldados franceses serem maioritariamente gerados pelo casamento civil, legalizado anteriormente em França²⁹.

Em 1867 produziu a “Selecta Portuguesa” da qual houve várias edições. A de 1868 diferente da primeira e a de 1869 diferente de ambas, o que veio a ser bastante criticado³⁰.

Iniciou em 1870 uma “História da Igreja Católica em Portugal”, obra com envergadura, “*muito apologética e sem grande objectividade*”³¹, a qual já não teve energia para concluir, embora

²⁸ Segundo o ANTT, “Por Decreto de 8 de Agosto de 1850 o Dr. António Luís de Seabra, juiz da Relação do Porto, posteriormente visconde de Seabra, foi encarregado de redigir o projecto de Código Civil. Em simultâneo, foi nomeada a respectiva comissão revisora, que integrava o Dr. Vicente Ferrer Neto Paiva, Manuel António Coelho da Rocha, Joaquim José Pais da Silva e Domingos José de Sousa Magalhães. Posteriormente, a esta comissão foram-se juntando outros elementos. (...) Na sessão de 30 de Agosto de 1865, a comissão deu por terminados os trabalhos, sendo o projecto entregue ao Governo. Foi votado na sessão de 26 de Junho de 1867.”

²⁹ Toda essa argumentação está na carta já referida e que foi publicada pelo padre Amado com o título: “Ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Dr. Vicente Ferrer Neto Paiva: carta sobre o casamento civil”.

³⁰ Em “Jornal do Porto” de 20-2-1869.

³¹ Segundo Maria Helena da Cruz Coelho em “O que se vem investigando em História da Igreja em Portugal em tempos medievais”, in “Medievalismo”, Boletim da Sociedade Espanhola de Estudos Medievais, ano 16, nº16.

tivessem sido ainda publicados 10 volumes até 1879. Teve o cuidado de oferecer o 1º volume ao jornal “O Apóstolo: Periódico religioso, moral e doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade”, do Rio de Janeiro, seguramente muito da sua predilecção.

Na sequência da invasão de Roma pelas tropas de Victor Manuel, Sousa Amado assinou a 10-10-1870, em conjunto com um grupo de personalidades, um veemente protesto contra o facto ali apelidado de “*insolente acto de pirataria*”³². No ano seguinte os redactores de “O Echo de Roma”, Sousa Monteiro, Almeida Pedroso e Sousa Amado pedem uma benção ao papa. Em agradecimento aos subscritores do protesto veio mais tarde Pio IX, a 21-6-1871, conceder a Benção Apostólica³³.

Mais no final do ano envolve-se o padre Amado em nova polémica. É nomeado pelo governo, como arcebispo coadjutor de Goa, o padre João Cardoso de Nápoles, cónego da Sé de Lisboa. Um grupo de pessoas assina um protesto público alegando a impossibilidade para o cargo, nomeadamente por ter pertencido a duas lojas maçónicas de Coimbra: “Pátria e Caridade” com o nome de irmão de “Bailly” e “Liberdade” com o nome de irmão de “Lamennais”³⁴.

O jornal “A Nação” escreve um artigo a favor do mesmo, e Sousa Amado reage de imediato e de forma veemente num novo texto³⁵.

Dois meses depois o padre Amado apresenta ainda no jornal uma resenha de todas as declarações de Cardoso de Nápoles para comprovar a sua inabilitação para o cargo³⁶. Dias após “A Nação” encerraria o assunto declarando “... *julgamos o Dr.Nápoles morto*”

³² Em “A Nação” de 11-10-1870.

³³ No “Echo de Roma” e em “A Nação” de 18-08-1871.

³⁴ No “Bem Publico” de 9-9-1871.

³⁵ Em “A Nação” de 17-9-1871.

³⁶ Em “A Nação” de 23-11-1871.

*moralmente, e sem esperança de ressuscitar, e por essa circunstancia inibidos de lhe dirigir qualquer arguição*³⁷.

Situação análoga se passa com Aires de Gouveia³⁸ nomeado para a diocese do Algarve, também suspeito de ter pertencido a uma loja maçónica com o nome de irmão de “Eurico”. O mesmo jornal diria sobre este candidato:

*“(...) É um dos nomeados tambem o sr. Ayres de Gouvêa!!!
E há ahi quem se insurja contra tal nomeação?
Occupa-se della o sr. dr. Amado?
Mao gosto teve. (...)”*

Um e outro não chegaram a assumir tais funções.

No mesmo ano José de Sousa Amado produziria um opúsculo sobre estes casos, e mais tarde um outro, genérico, sobre as nomeações para cargos eclesiásticos³⁹.

Amado sempre manifestou a sua opinião independentemente de quais e quantas pessoas lhe viessem a fazer oposição. Foi o caso de uma das mais vigorosas posições que assumiu, em artigo publicado no Diário de Notícias, sobre o facto — que muito o indignava — de as mulheres cantarem nas igrejas.

Em resposta, e como era seu apanágio, Ramalho Ortigão escreve um saboroso e jocoso artigo. Lembra-lhe o inconveniente que será faltando “*os sopranos agudos indispensáveis para a execução cabal de inumeráveis trechos da música sagrada*”. E concluía estar certo de que “*os cantores ecclesiasticos, e á frente d’elles, com toda a certeza, -o proprio sr. padre Amado, não recusarão á musica da egreja o sacrificio, alias insignificante, de se sujeitarem áquella*

³⁷ Em “A Nação” de 6-12-1871.

³⁸ António Frutuoso Aires de Gouveia Osório [1828-1916], padre, foi professor de Direito em Coimbra, bispo de Batsaida e arcebispo de Calcedónia. Foi membro do Partido Progressista, deputado, secretário de Estado e Ministro da Justiça do governo da Monarquia.

³⁹ Trata-se de “Documentos e reflexões para o processo, em primeira e segunda instancia...” de 1871 e de “A questão nuncio, ou observações sobre apresentação de presbíteros...” de 1883, ambos indicados na bibliografia anexa.

pequena operação⁴⁰ que, (...) os tornará facilmente aptos a substituírem os sopranos femininos – com grandes vantagens da religião e da moral — como o dito sr.padre Amado muito bem diz.”

E rematava sempre no mesmo tom dizendo que “*depois d’isto assim estabelecido, segundo os desejos do sr. Padre Amado — o qual dentro de pouco tempo estará talvez habilitado a cantar na ópera Romeu a parte de Julieta — que os celestes flagellos vão a quem de direito: e que, tanto na terra como nas alturas, pese exclusivamente sobre a cabeça neutra do chanfre a responsabilidade terrível do moteto!*”⁴¹.

Explicando e reforçando os seus argumentos, Sousa Amado publica então um opúsculo sobre o assunto⁴². Nesse documento, mais que tudo, é a opinião do padre sobre as mulheres, sempre recorrendo às suas fontes, e já bastante fora da sua própria época. Alguma dessa argumentação merece ser reproduzida, por forma a dar uma ideia mais cabal e completa do pensamento do seu autor:

“Duas foram as razões principaes que moveram S. Paulo a impôr silencio á mulher n’este logar: a primeira era o preceito de Deos, imposto logo desde o principio do mundo a Eva n’estes termos: Estarás sujeita a teu marido, e elle te dominará. E bem claramente se vê que S.Paulo quis alludir áquelle mandamento, porque logo no verso seguinte diz: E se alguma cousa quizerem aprender perguntem-a em casa a seus maridos.

...

A segunda razão consistia em enfriar a leviandade da mulher, tão facil em exceder-se, a este respeito, e tão prejudicial pelas insinuações a que aquella lhe dá campo.

⁴⁰ Alusão aos ‘castrati’ – meninos cantores os quais, devido aos seus dotes, eram castrados para que mantivessem as características da voz.

⁴¹ Nas “Farpas” de Novembro de 1872.

⁴² Referimo-nos a “As coristas nas igrejas dos Martyres, Santa Catharina, Socorro, e Conceição Velha, ou observações theologicas contra os parochos das tres primeiras, e capellão da quarta, por permittirem a mulheres a cantar na novena da Conceição”, datado de 1872.

E com effeito, o perigo de mulher, fallando perante ajuntamento de Fieis nos templos era manifesto. A mulher, segundo Aristoteles, é mais terna, ou compassiva que o homem, e mais propensa ás lagrimas. N'este estado discorrendo, ou orando, ou procurando instruir-se, fazendo perguntas, chamaria a si a attenção de todos, e a verdade seria menos respeitada, que os sentimentos a seu favor. Expressões suaves, lagrimas de companhia, e por centro de tudo o amor proprio, haviam de inclinar os ouvintes para o lado, que lhes parecesse. N'este caso S.Paulo procedeu como Apostolo, divinamente inspirado, precatando do perigo tanto à beira, mandando que nos templos a mulher se conservasse em silencio. Alem d'isto, diz o mesmo Aristoteles, que nas mulheres predominam mais a inveja, as queixas, a maledicencia, e a mordacidade; e, com todos estes fracos tão geraes, se lhe dessem largas para fallar e discorrer perante os christãos no templo, grande poeira se poderia levantar, a desordem tomaria corpo; e o templo tornar-se-hia arena de esgrima assanhada, porque a mulher póde começar, mas não pôr termo á paixão de inveja, e da maledicencia. Ainda mais adduz Aristoteles, que a mulher é inquieta, e mais susceptivel de desesperação que o homem, e conclue, que é também mais impudente, mais mentirosa e mais facil de poder ser enganada.

...

Não é conforme nem com o espirito da Igreja, nem com a letra da Escripura, nem com o sentir dos interpretes, que mulheres cantem perante os fieis na Igreja. É um abuso, que de modo algum se deve tolerar. É notavel tanta devoção nos Parochos de Santa Catharina, dos Martyres, do Socorro, e no Capellão da Conceição Velha; não podemos ver n'elles senão erro de intelligencia, e de modo algum lhe attribuímos malicia de vontade."

Evidentemente que a polémica se instala, dentro e fora dos meios eclesiásticos. O padre Conceição Vieira é porventura o primeiro a a

criticá-lo, moderadamente é certo dada a proximidade entre ambos, reconhecendo embora que Amado era mais claro no opúsculo do que se explicara no artigo do Diário de Notícias⁴³. Em seguida um outro articulista que assina “A.” escreve também um texto extenso no qual manifesta não compreender as posições do padre Vieira e do padre Brito, mais toleráveis com o canto das senhoras nas igrejas, dado dizerem desconhecer regras explícitas e escritas da Igreja defendendo o oposto⁴⁴. Defendia ele a posição do padre Amado alegando que certamente ele conheceria as disposições da Igreja nas quais apoiava a sua convicção. Finalmente o padre Amado escreve um comunicado no qual transcreve o decreto do papa Pio IX em 7-4-1862, nas versões em latim e em português. Termina dizendo que *“Esperamos agora que os srs. Padre Brito e Vieira se não recusarão a abraçar sinceramente este Decreto da suprema auctoridade da Egreja”*⁴⁵.

Poucos dias depois, podia ler-se uma notícia⁴⁶:

“Diz-se que o sr. patriarcha de Lisboa acaba de proibir que as senhoras cantem nas egrejas, e que n’este sentido se vão expedir ordens positivas e rigorosas aos parochos das freguezias do patriarchado, e aos capellães de quaesquer capellas ou ermidas abertas à adoração dos fieis. Que lhe preste! Devem agora as consciencias timoratas ficar mais tranquillias, pois que o reverendissimo padre Amado annunciava já grandes castigos de Deus se por acaso se continuasse a consentir que as senhoras cantassem nos templos!”

O padre Vieira apresentou ainda um comunicado exigindo que o papa se pronunciasse, e alegando que o decreto papal se referia apenas à Alemanha onde a realidade era outra⁴⁷. E regressou

⁴³ Em “A Nação” de 20 e 28-12-1872.

⁴⁴ Em “A Nação” de 31-12-1872.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ No “Diario Illustrado” de 3-1-1873.

⁴⁷ Em “A Nação” de 5-1-1873.

depois com mais comunicados até que finalmente acabou dizendo-se injuriado⁴⁸.

O padre Amado, não ficando satisfeito com o desfecho do caso, resolveu ter uma última palavra e escreveu um novo folheto, complementar ao anterior, a Parte II, o qual classificou como “rectificação de erros também contra doutrina da Igreja catholica publicados pelos snr. Padres Vieira e Brito”⁴⁹.

Mas sobre o caso já correrá muita tinta, muitas opiniões se fizeram ouvir, mas quando tudo parecia arrumado a favor do cardeal Patriarca e do Padre Amado, aparece a seguinte notícia publicada⁵⁰:

“Como a igreja de Santo Antonio da Sé está isenta da jurisdição patriarchal, resolveu a real associação orpheonica, que tem feito a novena á Senhora da Conceição, nos Paulistas, fazel-a este anno n'aquella capella, contando com a annuencia da camara. É um protesto bem lavrado contra a estulta prohibição das senhoras cantarem nas egrejas. Opponham-se os srs. padre Amado e patriarcha...”

O assunto teria pelo menos mais um episódio, anos mais tarde, quando o cardeal patriarca, na ignorância do que se havia passado antes com o seu antecessor, autorizou o canto de senhoras nas festas da Semana Santa em Belém, embora com restrições. Dias depois o patriarca toma conhecimento dos antecedentes e tenta dar o dito por não dito. Face às dificuldades levantadas é pedida autorização a Roma, sendo a mesma concedida a título excepcional. No entretanto publica o padre Amado um prematuro protesto, exigindo ao patriarca uma tomada de posição, em conformidade com as disposições da igreja⁵¹. Mas o caso já estava resolvido.

⁴⁸ Em “A Nação” de 16-1-1873 e 28-2-1873.

⁴⁹ Trata-se de “As coristas nas igrejas dos Martyres, Santa Catharina, Socorro e Conceição Velha Parte II” anunciado em “A Nação” de 2-4-1873.

⁵⁰ Na “Crença Liberal” de 15-4-1873 e em “A Nação” de 18-4-1873.

⁵¹ No “Diário de Notícias” de 9-4-1884.

Ainda nesse ano foi constituído o Grémio dos Escritores Públicos do qual José de Sousa Amado fez parte como classificador, o que aliás viria também a acontecer no ano seguinte⁵².

O ano de 1874 foi difícil para o padre Sousa Amado. A sua selecta foi, juntamente com a de Aulete⁵³, escolhida para uso no Liceu Nacional de Lisboa. Sobre esse livro concorrente escreveu o padre um opúsculo chamado “Refutação de leituras inconvenientes e erros manifestos contra a religião católica apostólica romana que se encontram na Selecta Nacional publicada por F. Júlio Caldas Aulete”. Nessa publicação comentou e criticou seriamente várias passagens do livro de Aulete, sobretudo as que diziam respeito a questões religiosas ou morais, à luz dos seus princípios e valores. Agrupou as suas considerações em vários capítulos com títulos bem sugestivos como sejam “Leituras perigosas”, “Leituras contrárias às verdades católicas”, “O culto das Imagens é supersticioso”, “Negação de milagres”, “Leitura perigosíssima”, e “Blasfémia horrenda”. Conclui com uma “Súplica” na qual diz o seguinte:

“Se n’esta terra de Portugal, já tão abalada por leituras, taes como as que ficam referidas e refutadas, se não acabou ainda o bom senso, supplicamos a convocação de um conselho de familia, officioso, composto de alguns bons paes e mães de familia, os quaes depois de examinarem os logares mencionados, que reprovamos, venham declarar na imprensa, se permittiriam ou não a seus filhos e filhas a leitura da Selecta Nacional.”

Face a tal livro assim incisivo e contundente, Caldas Aulete move-lhe uma acção judicial acusando-o de injúria e difamação.

⁵² No “Jornal da Noite” de 27-11-1873, no “Diario Illustrado” em 20-11-1874, no “Boletim do Clero e do Professorado” em 21-11-1874.

⁵³ Francisco Júlio Caldas Aulete [1823-1878], escritor, jornalista e deputado. Foi também professor do liceu de Lisboa. Escreveu inúmeros livros didácticos, incluindo um dicionário.

Depois de vários adiamentos, o julgamento inicia-se a 28-5-1874⁵⁴ no Tribunal da Relação de Lisboa. Na audiência José de Sousa Amado declara aquele tribunal incompetente para o julgar e que só reconhece a Relação Eclesiástica, da qual era juiz desembargador, como instância superior logo com competência para o efeito.

Percebe-se que Caldas Aulete não terá ganho a acção contra o padre⁵⁵, mas também o tribunal não deu razão a Sousa Amado quando este contestou a competência do tribunal⁵⁶.

No mês de Outubro o padre Amado foi nomeado vice-presidente do juri aos exames dos candidatos ao magistério primário⁵⁷.

É neste momento que a vida deste padre parece alterar-se significativamente, continuando a editar livros, sendo mais interventivo na sociedade, defendendo as suas causas e valores, sempre que se lhe oferece propósito. Em consequência a sua figura é cada vez mais conhecida, para o melhor e o pior, e a sua popularidade não será ignorada nos jornais e revistas da época onde amiúde lhe farão referências.

O facto de aparecer publicada a sua caricatura mostra bem porque e como já é muito conhecido, mesmo para além do mundo do ensino onde esteve inserido durante anos, e no qual ficou sobejamente famoso.

Essa caricatura integrava o livro editado em 1914 “O Caricaturista Raphael Bordallo Pinheiro” do seu filho Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro. Foi originalmente publicada no nº33 do periódico “A Lanterna Mágica” datado de 31-7-1875 com o título “O Sr. Padre Amado e os exames do lyceu”; nesta outra o título era “O feroz examinador Padre Amaro” (vinha mesmo com erro).⁵⁸

⁵⁴ No “Diario Illustrado” de 20-5-1874, 21-5-1874 e 26-5-1874. Também no “Diário de Pernambuco” de 24-6-1874.

⁵⁵ No “Diario Illustrado” de 20-6-1874 e em “A Nação” de 21-6-1874.

⁵⁶ No “Diario Illustrado” de 16-7-1874.

⁵⁷ No “Jornal da Noite” de 15-10-1874.

⁵⁸ Caricatura original no Museu Bordallo Pinheiro em:
<http://colecacao.museubordallopinheiro.pt/ficha.aspx?sugestao=1&ns=216000&id=27491&museu=1>

A gravura representa o sisudo Padre Amado de pé sobre a “hidra da reacção”⁵⁹, com “asas de morcego e ventas de burro”⁶⁰, debaixo do braço o seu inseparável guarda-chuva, e segurando na mão esquerda um pote com os chumbos que com a direita atira para um grupo de rapazes amedrontados. Junto a um deles diz mesmo “*a tremem como varas verdes*”. Outros rapazes em pranto carregam sacos com mais chumbos para o Padre Amado distribuir. Na estampa original lia-se ainda em baixo “*Salve-se quem poder!...*”.

No mesmo número da dita revista encontrava-se o seguinte artigo:

“Portugal é um paiz de prodigios de 10 a 14 anos, em ambos os sexos. Não se lê actualmente uma folha, em que não se encontrem tres e quatro locaes de parabens ás familias de diversas celebridades dos collegios e dos lyceus.

Se isto continua começamos d’aquí a pouco a convidar os srs. Examinadores a serem mais rigorosos nos exames! A mocidade quer ser esperançosa e intelligente e não quer rigor? Quer só elogios nos jornaes?!

Olhem que lhe soltamos sr. Padre Amado...

Depois se lhes morder, queixem-se.”

E ainda outro tinha esta ladainha com a mesma mordacidade e “*dedicada á infância e ao Diario de Noticias*”:

“LADAINHA DO BEM AMADO

Bendito sejas tu, ó bem Amado,

Bendito sejas tu, eternamente

Maldito seja o filho do peccado,

Maldito o chumbo que tu dás á gente.

⁵⁹ A hidra é uma figura da mitologia grega, corpo de dragão e várias cabeças de serpente, cujo hálito era venenoso. A expressão “hidra da reacção” aparece por volta do segundo quartel do séc.XIX normalmente para designar as forças mais conservadoras que, reagindo vigorosamente, se opunham aos liberais e às suas ideias de mudança. Nesta época, quando representada, tinha várias cabeças associadas a figuras preponderantes da época (Vd. “O Mosquito” — 25.09.1875 p3), ou três cabeças associadas às principais forças em presença — religião, política e finança (Vd. “A Choldra” n°4 de 21-2-1926) — ou tão-só uma cabeça, como neste caso, certamente a religião.

⁶⁰ Segundo José-Augusto França no seu “Rafael Bordalo Pinheiro : o Português Tal e Qual”, 1978.

*Bendito sejas o pão de cada dia,
Bendito sejas tu, cheio de cebo.*

*Maldita seja a tua geographia,
Maldito sejas tu, se te percebo.*

*Bendito seja o mundo com que lides,
Bendito seja aquilo que tu ames.*

*Maldita seja a mesa a que presides,
Maldito o que perguntas nos exames.*

*Bendito sejas tu dos corações,
Bendito seja sempre o que tu zélles.*

*Maldito seja o inferno – e as conjunções,
Maldita seja a história do João Felix⁶¹.*

*Bendito seja a caixa do simonte,
Bendita a hora em que vás das lettras.”*

Foi noticiado o discurso que proferiu na abertura dos cursos da Escola Médico-cirúrgica de Lisboa, e foi o mesmo publicado num jornal⁶².

No final de 1875 José de Sousa Amado foi jubilado como professor do Liceu de Lisboa com o ordenado por inteiro⁶³. Tinha 63 anos.

O seu nome como professor seria lembrado ainda por muitos anos, tal o seu carisma, o seu temperamento, a sua índole, a sua fama. Fialho d’Almeida, em texto seu sobre o ensino, diria:

“...o programa de estudos secundários de 1890, e seus respectivos processos de ensino (...) em nada diferiam dos programas e sistemas de ensino do meu tempo, quando o padre Amado era a grande mina plumbífera dos colegiais que se atarantavam...” ⁶⁴

⁶¹ João Félix Pereira [1822–1891] foi um escritor e tradutor português. Multifacetado, escreveu sobre as mais diversas matérias. A sua escrita nem sempre terá sido bem aceite, o que por vezes lhe suscitou críticas e piadas.

⁶² No “Jornal do Commercio” e referido em “A Nação” de 9 e 10-10-1875.

⁶³ No “Diario Illustrado” em 18-12-1875.

⁶⁴ José Valentim Fialho d’Almeida [1857-1911] em “Os Gatos” nº6 em 9-7-1890.

Um outro que se lhe haveria de referir seria Homem Christo; bastante mais tarde diria o seguinte:

“No tempo das comissões era outra justiça e outra independencia. Nós nunca sabíamos quem nos havia do examinar. E se era o Dantas, do Porto? E se era o Epiphanio ou o padre Amado, de Lisboa? E se era o José Falcão, de Coimbra? E se era, lá para os de Braga ou d’outra parte, o Elias Fernandes Pereira, aqui d’Aveiro, que também era de rachar? E quantos, e quantos como esses? Os mais condescendentes eram perigosos. Porque sempre eram pessoas desconhecidas, de fóra da terra, que vinham, sem parti pris, a frio, julgar-nos. Não havia remedio senão estudar!”⁶⁵

Evidentemente que, talvez por ser melhor aluno que outros, será dos poucos que mais tarde lembram ter levado a melhor com aquele examinador:

“Em história enchi as medidas ao não menos célebre padre Amado, de Lisboa, dissertando sobre a queda de Constantinopla, suas causas próximas e remotas. Era um diabão, esse padre! Quem folhear a Lanterna, de Bordallo Pinheiro, lá o encontra celebrizado, pelo caricaturista immortal, como terror dos estudantes.”⁶⁶

O jornal “O Pimpão”, dentre os vários artigos, sai-se com este, desde logo a apontar para o padre:

“As beatas do padre Amado estão a ferro e a fogo com o dito reverendo, por ter ido metter taes inzonas ao Mandrião-mór de S.Vicente de Fóra⁶⁷ que elle deu ordem para acabar o brodio das devoções á noite. O padre Amado que conhece as beatas a fundo, lá teve as suas rasões para ir com taes

⁶⁵ Francisco Manuel Homem Christo [1860-1943] em “A questão do ensino II” no “Povo de Aveiro” em 4-12-1910.

⁶⁶ Idem em “Cartas de longe: a instrucção secundaria em Portugal e em França”, 1915.

⁶⁷ Alusão ao Cardeal Patriarca, dado que a sede do patriarcado está no Mosteiro de S.Vicente de Fora.

*mexericos ao paço de S. Vicente. Esta providencia do Mandrião-mór hade dar em resultado no proximo anno sensivel diminuição no numero de expostos.*⁶⁸

Em 25 de Fevereiro de 1876 reuniam-se umas missões, à noite, na igreja de S.Paulo em Lisboa, e muito concorridas. Cinco liberais com a mente mais exacerbada fizeram nos jornais um protesto contra as ditas missões. A consequência foi que muitos homens apareceram pela noite junto à igreja onde, com ruído e vozearia, acabaram por interromper o sermão. O prior não teve reacção digna de nota, e o padre Amado veio à imprensa publicar um protesto vigoroso e bem escrito contra tal desacato. Reproduz-se a parte final desse texto:

“... Considerando que o referido attentado, e desacato, commettido em S.Paulo, é mais para estranhar-se, porque parece ter-se realisado sob algum consentimento da mesa da mesma irmandade, que pela sua declaração ou protesto anteriormente publicado de alguma sorte applanou os caminhos para taes excessos.

Considerando finalmente, que os perpetradores d’elles estão abaixo dos gentios e pagãos, ainda mais os vis e immoraes; e que por seu procedimento infernal offenderam a todos os catholicos portuguezes, que tanto respeitam e veneram a magestade de Deus em seus templos.

Por todos estes motivos, o abaixo assignado protesta solemnemente contra aquelles actos escandalosos e infames, de que a historia não accusa os proprios pagãos e gentios em seus templos, ou logares que tinham por sagrados.”

Naturalmente que o jornal – “Bem Publico” – concluiu em apoio da missiva do padre⁶⁹.

⁶⁸ Em “O Pimpão” n°1 de 1876.

⁶⁹ Em “A Nação” de 9-3-1876, e também no “Bem Publico” de 11-3-1876, e em “O Apóstolo” do Rio de Janeiro em 12-4-1876.

O tema dos desacatos nos templos sempre foi muito importante para Sousa Amado. Já em 1853 editava um opúsculo sobre o tema⁷⁰, e em 1856 escrevia dois artigos sobre o assunto – a propósito de uma ocorrência na Igreja do Campo Grande – e apresentava uma lista de desacatos desde o séc.XIV!⁷¹

Em meados do mesmo ano já o padre requeria à Câmara Municipal de Lisboa para que proibisse os operários de trabalhar nos dias santificados. O requerimento foi naturalmente indeferido⁷².

Pese embora o facto de o padre Amado chamar a si a defesa das ideias mais conservadoras da igreja e da moral certo é que, a pouco e pouco, outros se vão adaptando mais aos tempos que correm deixando o prelado cada vez mais só. Escreve assim no “Bem Público” aquela que julgo ter sido a sua última intervenção naquele jornal, sob o título de “Os confessores de religiosas”:

“Tenho presente uma carta da superiora de um convento de Roma, com data de 8 do corrente, recebida hontem, da qual consta, que o confessor ordinario d’este convento, passado o triennio, ou triennios, não recorre, ou a comunidade, á sagrada congregação dos Bispos e Regulares; nem tão pouco se falla em votações unanimes, para que o confessor possa continuar.

Lembro mui respeitosaente aos Senhores Bispos, que pensem sobre o ponto, que se tem questionado.

*Nada mais digo.”*⁷³

O conteúdo da missiva não é claro, nem sequer para os redactores do jornal que o não entendem. Respondem-lhe num artigo mais extenso, no mesmo número, do qual retiro apenas uma parte, dado

⁷⁰ Em “O respeito nos templos, ou observações moraes e religiosas ácerca do comportamento dos christãos nos templos”. Para além dos casos referidos trata também do desacato ocorrido na igreja de S.Domingos na sexta-feira santa de 25-3-1853. Um artigo publicado na revista “Ocidente” nº1055 de 20-4-1908 regressa ao assunto descrevendo os factos de acordo com os escritos da época.

⁷¹ Em “O Domingo” nº60 de 19-7-1856 e no nº62 de 2-8-1856.

⁷² No “Diario Illustrado” em 30-8-1876.

⁷³ No “Bem Publico” de 24-3-1877.

que os aspectos eclesiásticos não relevam para este trabalho. Diz o seguinte:

“Verdadeiramente não sabemos, ao lêr ésta carta, se devemos rir, se lamentar-nos.

Se attendermos só à respeitabilidade da pessoa, que por muito tempo chamámos mestre, e com effeito o foi durante os dois primeiros annos do nosso tirocínio na milicia do jornalismo religioso (maio de 1855 a maio de 1857); se considerarmos a gravidade da questão, e a attitude que n’ella parece querer assumir, enchemo-nos de tristeza.

Se pelo contrario olharmos só para a carta como está concebida e para o papel que s. rev.^a com ella se attribui a si mesmo, não podemos conter o riso. O sr. padre Amado eslá brincando; mas nem o tempo, nem o objecto são para se brincar. A nossa amizade impõe nos o dever de advertil-o de que está demolindo vae em cinco mezes o magestozo edificio que lhe custou mais de vinte annos a construir, á força de zelo e de estudo. Pelo amor de Deus lhe pedimos que nos não prive d’aquillo que já consideravamos como herança nossa.

(...) Não entendemos nada de tudo isto, e não procuramos sequer entender. Appellamos do sr. padre Amado apaixonado para o sr. padre Amado desapaixonado.”

Sempre próximo do patriarcado, integrou uma peregrinação⁷⁴ que saiu para Roma em 15-5-1877, a qual era encabeçada por Dom Inácio do Nascimento Morais Cardoso, Cardeal Patriarca⁷⁵. O grupo era constituído por 120 pessoas de ambos os sexos.

No trajecto fizeram uma paragem em Lourdes, onde foram

⁷⁴ Em “Jornal do Porto” e “Jornal da Noite” de 16-05-1877. Também “Jornal da Noite” de 23-8-1877 e no “Bem Publico” de 2-6-1877. Além dos referidos integravam a comitiva Agostinho de Ornelas, Daun e Lorena, outras figuras ilustres e vários sacerdotes.

⁷⁵ Inácio do Nascimento Morais Cardoso [1811-1883] nomeado 11º Patriarca de Lisboa em 1871.

recebidos pelo padre Peydessus⁷⁶. Na missa ali realizada um dos dois padres portugueses a pregar foi o padre Amado.

Chegaram a Roma a 25-5-1877. No domingo da Santíssima Trindade foi celebrada missa rezada na capela de Santo António dos Portugueses. Pregou novamente o padre Amado. À uma da tarde teve lugar a audiência com Pio IX com grande júbilo dos cerca de 400 peregrinos que ali se encontravam.

Mais tarde, em artigo a propósito do falecimento do padre Peydessus, Sousa Amado descreveria a viagem de forma mais pormenorizada⁷⁷.

Sobre este assunto um periódico brasileiro acrescentava ainda à sua notícia esta passagem:

“... Leva como seu secretario um dos mais famosos reaccionarios de Lisbôa, o Sr. Padre Souza Amado, antigo professor do lyceu.

Foi este padre que no anno passado perguntou a um rapaz, n'um exame de logica, quaes eram as causas geraes do erro. Enumerou-lhe o rapazito do que sabia, mas o padre não se deu por satisfeito: – Falta uma, disse elle. Como o examinando não atinasse com a tal causa de erro, que faltava enumerar, o Sr. Padre Amado disse-lhe: – Pois não sabe! A isso que referio deve acrescentar – os jornaes, que com a sua artificiosa argumentação, com os seus vicios, e os seus abusos, deturpam a verdade, viciam tudo e se transformam n'uma causa geral de erro.–

Um professor que pensa desta maneira não podia deixar de ir a Roma; pertence-lhe lá, de direito, um lugar ao lado do Sr.Patriarcha. “⁷⁸

⁷⁶ Jean-Louis Peydessus [1807-1882] era o Vigário-geral de Tarbes. Foi o fundador dos Missionários da Imaculada Conceição, e de uma congregação de religiosas, as Irmãs da Imaculada Conceição de Nossa Senhora de Lourdes. Dedicou-se ao santuário de Garaison, localidade onde faleceu.

⁷⁷ Em “A Nação” de 15-3-1882 e de 5-4-1882.

⁷⁸ Em “Jornal do Recife” em 22-05-1877.

A propósito da recepção com o papa Pio IX, as revistas mais mordazes não deixam escapar a oportunidade, tendo escrito uma delas:

“O servo dos servos de Deus endereçou a palavra ao cardeal Ignacio e ao seu acolyto padre Amado; falou-lhes em bom italiano e em bom francez, mas tão commovidos estavam os reverendos que não o entenderam. Por sua vez se dirigiram ao Santo Captivo em tal portuguez, que elle não os percebeu. Reconheceu-se mas já tarde o inconveniente de não ter levado um lingua d’aquelles que palram no caes do Sodrê á espera dos passageiros dos paquetes. Pio não deu mais dito, Ignacio e Amado guardaram religioso silencio; e desataram todos tres a chorar, linguagem que por ser universal por todos foi comprehendida.

O Papa, que é illustrado, ao vêr sair Ignacio, disse para a curia, citando Camões:

«Nem elle entende a nós, nem nós a elle, Selvagem mais que o bruto Polyphemo» “⁷⁹.

Outro periódico descreve a mesma entrevista de maneira diferente:

“Em primeiro logar parece que os peregrinos portuguezes tem feito suas choradeiras por este mundo, que tem sido uma cousa por demais.

Desde Lourdes que não se fez outra cousa. Então o Sr. Patriarcha não é um patriarcha, é um chafariz. Os padres Marnoso, Amado e Barroso teem-se debulhado em pranto, a exemplo do seu prelado. Em Roma aconteceu-lhes, porém, cousa mais extravagante, embatucaram. O papa quiz fallar com o patriarcha, o patriarcha de pura commoção não chorou, mas tambem não fallou, quiz fallar com o padre

⁷⁹ Em “O Pimpão” nº37 de 1877. A última frase é citada de “Os Lusíadas”, Canto V, estrofe XXVIII. Segundo José da Fonseca “Polyphemo foi um Cyclope, filho de Neptuno e da Terra; o qual, segundo os poetas, tinha um só olho na tésta, tam grande como uma rodella. Era fero, cruelissimo, e comedor de carne humana.”

Amado, e este illustre sacerdote fez uma mudança de participação pretérito, e passou a ser padre Calado.”⁸⁰

Em 1877, mais concretamente a 14 de Setembro, houve eleições na Associação dos Funcionários Públicos. José de Sousa Amado foi eleito relator da Comissão Fiscal⁸¹.

Um dos temas pelos quais se bateu empenhadamente foi o restabelecimento de algumas Ordens Religiosas em Portugal. O momento mais importante desta sua luta foi a 9-3-1878 quando enviou à Câmara dos Pares do Reino um requerimento para o efeito⁸².

Não é fácil encontrar notícias de celebrações religiosas em que o padre Amado tenha tomado parte. Praticou a cerimónia da benção e a celebrou missa na igreja do convento de Nossa Senhora da Visitação, aquando da conclusão das obras de restauração que então haviam sido levadas a cabo⁸³.

No jornais continuam amiúde a ser publicadas críticas e graças, por vezes disfarçadas de notícias. Sai esta com o título de “Coisas de Theatro”:

“No terceiro acto do Anel de ferro a sr.^a Cortez, lançando-se nos braços do senhor seu pae, o baixo Soller, exclama:

— Ó padre amado!

Aconteceu outro dia que algumas creanças, menores de quatorze annos, que estavam com as suas familias a assistir ao espectáculo, e que ainda não tinham feito exame de instrucção primaria, principiaram a choramingar:

— Ih! ih! ih!

— O que é? que foi? perguntavam os paes, as mães, os irmãos mais velhos.

— É elle ...

⁸⁰ No “Diário do Rio de Janeiro” em 2-7-1877.

⁸¹ No “Jornal da Noite” em 14-9-1877.

⁸² Em “A Nação” de 7-4-1878.

⁸³ Em “A Nação” de 17-8-1878.

— *Elle quem?*

— *Ih! ih! ih!*

— *Mas quem é elle?*

— *Sim, sim, disfarcem; a sr.^a Cortez já o conheceu. É elle de barbas brancas...*

— *Mas por Deus, quem é elle?*

— *É o sr. padre Amado, o examinador de que temos mais medo... “⁸⁴*

E sobre o mesmo tema escrevia-se em outro local:

“Aquella janella!... Ah! O que ali se passou n’essa noite! O que eu ali perpretei! Quereis saber-o, deliciosa leitora?... Foi o meu primeiro folhetim! Não era folhetim, não. Era um artigo de fundo! Tinha então quinze annos. Estava-se na epocha dos exames do lyceu; o padre Amado reprovava muitos alumnos de geographia e eu quis fulminal-o com um artigo! Era escripto n’um espantoso estylo biblico! Ao bom do sr. Padre eu dirigia as ultimas prophcias, e pelo meu calculo, pela minha dialectica, com o auxilio d’algumas citações de Hugo e de trechos de La Place, provava que era necessario destruir a hydra da reacção, escondida ainda no animo de Sua Reverendissima! “⁸⁵.

Era na verdade vulgar o aproveitamento de cenas de exames para temas de crónicas. E aqui mais um excerto de uma delas:

“(...) Quando se abriu a porta da primeira sala já os examinadores estavam sentados, e nós olhámos com respeito para o sr. padre Simões e para o sr. padre Amado. Tinham-nos descripto esses srs. sob a fórmula de velhos dragões da lenda vindos de noite, pé por pé, pelas beiras dos telhados, trazendo muitas rapozas para as creanças que faziam exame. E um pequenito a meu lado olhava por

⁸⁴ No “Jornal da Noite” em 21-5-1879.

⁸⁵ Em “A Arte” nº 3 de 1881.

debaixo da capa do sr. padre Amado a ver quando alguma rapoza mais inquieta deitava o rabo de fora! “⁸⁶.

Consequentemente, também os procedimentos e atitudes de Sousa Amado servem sempre como referências ao que de errado se pode perceber no sistema de ensino da época:

“Aos sete annos mettem-nos n'umas escolas, que

*São açougues de innocencia
São talhos d'anjos, mais nada.*

*Ahi um professor tetrico, atribiliario. que classificamos então entre os jelinos, por meio do terror, das sovas, da decoração forçada, nos encaixa na cabeça a pasmosa civilidade do sr. João Felix, o portentoso cathecismo do sr. Padre Amado e a grammatica do Sr. Figueiredo – uma coisa que qualquer creança de sete annos deve comprehender admiravelmente!”*⁸⁷

O padre Amado mantém então uma ocupação constante e, para além das outras actividades descritas, faz de quando em vez o seu sermão. A título de exemplo é ele o orador no Colégio da Esperança, durante a missa celebrada nas festas da Conceição da Virgem, a 8-12-1879⁸⁸.

No início de 1880 envolve-se Sousa Amado em mais uma polémica.

Escreve o padre João Manuel Cardoso de Nápoles um extenso artigo em defesa do catecismo de Doutrina Cristã de D. Silvina Ferreira de Azevedo. Discorda o prelado do referido livro ter sido aprovado pelo arcebispo de Mitilene que, semanas depois, lhe retirou a aprovação. O padre Amado reagiu a esse artigo alegando que é um processo normal que ocasionalmente acontece. E de

⁸⁶ Em “Jornal do Domingo” de 22-1-1882.

⁸⁷ Em “Era Nova” n° 9 de 6-1881. Os versos transcritos terminam o poema “Escola Portugueza” de Guerra Junqueiro, crítica contundente ao ensino nas escolas portuguesas, incluída no seu livro “A Musa em Férias” e que foi profusamente reproduzido em inúmeros periódicos.

⁸⁸ No “Diario Illustrado” em 8-12-1879.

novo o Dr.Nápoles vem ripostar manifestando a sua discordância⁸⁹.

Na noite de 12 para 13 de Julho de 1881, aquando da transladação dos restos mortais do papa Pio IX, há grandes desacatos nas ruas de Roma. Em Portugal, nas semanas seguintes, sucedem-se os protestos e mensagens de solidariedade. É o caso de Sousa Amado que sobre o assunto faz publicar um texto de repulsa pelos actos verificados e no qual não deixou de lembrar o discurso de Pio IX feito em 1877 perante peregrinos portugueses⁹⁰.

Mais tarde o papa Leão XIII agradece a todos os que lhe apresentaram os protestos e envia a sua benção apostólica⁹¹.

Constituído em 1882 o Conselho Central da Associação Católica Portuguesa⁹², Sousa Amado foi seu secretário. Foi também membro da Irmandade dos Clérigos Pobres.

Sobre o tema dos desacatos nas igrejas que tanto o preocupava resolveu escrever um artigo mais didático, considerando os exemplos históricos de Tibério César, Alexandre Magno e Júlio César, os quais respeitaram e fizeram respeitar os templos, mesmo os das populações que conquistaram⁹³.

Em 19-3-1882, Jorge Eugénio Locio⁹⁴ publica um agradecimento ao padre Amado pelo sufrágio feito por alma do seu irmão.

A opinião de Sousa Amado sobre as mulheres não é constante, ou pelo menos abre uma excepção, dentre uma meia dúzia de senhoras que é capaz de nomear.

⁸⁹ Em “A Nação” de 17-1-1880, 20-1-1880 e 1-2-1880.

⁹⁰ Em “A Nação” de 1-9-1881.

⁹¹ Em “A Nação” de 29-9-1881.

⁹² Nos “Annaes da Associação Catholica Portugueza em beneficio das Missões nas Provincias Ultramarinas de Angola, S.Thome e Principe, Moçambique e Timor”, nº1 de Julho de 1882.

⁹³ Em “A Nação” de 15-3-1882.

⁹⁴ D.Jorge Eugénio Locio [1819-1883], figura muito respeitada, foi um legitimista e polemista para além de ser um dos fundadores do jornal “A Nação” onde também escrevia. Na sequência da revolução da Maria da Fonte chegou a estar preso e condenado à morte. Era próximo da família real proscrita, afecta a D.Miguel.

É o caso de Isabel Juliana de Sousa⁹⁵, de quinze anos, a qual firmemente se recusou a casar com José Francisco de Carvalho e Daum, segundo filho do Marquês de Pombal, por estar enamorada de Alexandre de Sousa Holstein. Insistentemente tentaram convencê-la e, com o carmelita descalço frei Manuel de São Boaventura, acabou por ceder na véspera do enlace. Casou pelo facto de não querer fazer a recusa em plena cerimónia, uma vez que estava tudo já assente com convidados. No entanto tal casamento nunca se consumou, sempre evitando a proximidade com o marido. Foi mais tarde tal casamento anulado pelo papa não evitando que Pombal a encarcerasse num convento em Lisboa e depois em Évora. Quando aquele perdeu o poder, saiu livremente, tendo casado com Alexandre de Sousa Holstein.

Apesar dos elogios que Sousa Amado faz no seu opúsculo a D.Isabel, certo é que faz muitas mais críticas e comentários às atitudes do Marquês de Pombal, personagem que odeia veementemente. Numa leitura atenta do que escreveu se percebe que lhe é muito mais importante a derrota do marquês que a vitória da menina sobre ele. Não fora esse facto e talvez não tivesse dedicado tempo a este assunto⁹⁶.

Embora os anos se passem sem grande informação acerca do Padre Amado, talvez menos presente em assuntos mundanos o que terá sido natural devido à sua idade, há sempre um ou outro periódico que não se esquece dele e publica uma *alfinetada*. É o caso deste anúncio assim editado:

“PROH PUDOR!

Carta de Coimbra em Fralda ao Sr. Padre Amado a propósito da semana sancta.

Preço 100

⁹⁵ Toda a história vista pelo padre Amado publicou-a ele em 1882 sob o título “Heroísmo da jovem e ilustre senhora portugueza D. Izabel Juliana de Souza, visavó da actual duquesa de Palmella e dos marqueses de Monfálim e de Cezimbra, ou o marques e a marquesa de Pombal humilhados, confundidos, vencidos”. Curiosamente esta publicação aparece no mesmo ano de “Processos Célebres do Marquês de Pombal”, obra anónima que poderia ter sido escrita por Sousa Amado.

⁹⁶ Nota de rodapé n°20, também sobre o assunto.

Pelo correio110

Sahe na proxima semana. “ 97.

No entanto uma das últimas notícias que se lhe referia foi possível encontrá-la em pleno Verão. Dá-nos conta da presença do padre na praia da Ericeira, a banhos com muitas famílias distintas⁹⁸.

Muito embora Sousa Amado levasse uma vida relativamente simples – tudo o indica – certo é que a actividade que desenvolveu ao longo da sua vida lhe permitiu arrecadar um significativo pecúlio do qual releva a Quinta de Santo António na Cadriceira, Turcifal, no concelho de Torres Vedras. Esta propriedade que incluía casa nobres e duas capelas, era sua pertença e do padre Joaquim Moreira Soares da Cunha. Uma das capelas havia sido mandada construir por ele próprio, uma vez que a outra era demasiado pequena para celebrar missa para o povo que ali acorria. A quinta tinha ainda terras de cultivo, vinhas e pomares, com água própria de fonte e em abundância. Era também sua a casa de Assafarge onde vivia a irmã Joaquina e um terreno na mesma freguesia. Tinha ainda acções e títulos, e uma biblioteca⁹⁹.

Não se conhecem fotografias do padre, só algumas caricaturas, e estas nem sempre são as mais lisonjeiras. Numa delas a sua silhueta tem aposta o seguinte:

“O padre Amado que usa chinó de inverno por causa do nordeste e de verão por causa das moscas. ” 100

Por ocasião das festas da Semana Santa lança o padre Amado um brutal protesto nos jornais. Insurge-se contra os abusos cometidos nas igrejas por causa das músicas ali executadas. Segundo ele *“em Lisboa, e não só n’esta, as irreverencias e até desacatos são mais frequentes, por causa das musicas profanas e lascivas, que ali*

⁹⁷ Em “Coimbra em Fralda” de 10 e 19-5-1884.

⁹⁸ No “Diario Illustrado” de 25-8-1887.

⁹⁹ No ANTT, no Registo Geral de Testamentos – Belém 1834/1900 – Livro 73 a fls.45.

¹⁰⁰ Em “O Antonio Maria” de 1-3-1883, texto e caricatura.

*atraem, não cristãos, mas curiosos; não crentes, mas espectadores.”*¹⁰¹.

E acrescenta que *“por todos estes motivos e outros motivos, que aqui se não podem adduzir, attenta a brevidade, o abaixo assignado protesta solemnemente contra as musicas profanas, obscenas, lascivas ou theatraes nas solemnidades do Culto Catholico; também contra o atrevimento de quem se presta a cantal-as; e muito humilde e respeitosa pede a sua eminencia o senhor cardeal patriarcha, que ponha em completa execução, como lhe cumpre, sob pena de condemnação eterna, tomando-se indifferente o decreto do Concilio de Trento, (...)”*¹⁰².

Evidentemente que gera rápida reacção nos magazines habituais onde continuam a suceder-se comentários e piadas às atitudes do padre, como esta intitulada ‘O protesto do padre Amado’:

*“Padre Amado, inspirando-se no exemplo de Christo, que expulsou, azurragando-os, os vendedores do templo, veiu ás columnas dos jornaes expulsar por seu turno os amadores que tomam parte na semana santa dos Jeronymos. O Padre Amado está com tanto appetite de se impingir como segunda edição do Nazareno que nós somos de opinião que lhe deixem crescer as barbas e o preguem depois na cruz para lhe fazer a vontadinha.”*¹⁰³.

Numa crónica, até Alberto Pimentel lhe fará uma alusão e bem a propósito:

“ (...) Certamente deveria ter começado por um cumprimento que é tradicional na paschoa: Muito boas festas. Emendo agora a mão, e apresso-me a protestar contra mim próprio, antes que o sr. padre Amado se lembre de o fazer.

Eu li o protesto de sua reverencia, e achei bom, mas acharia melhor que sua reverencia fosse um pouco menos

¹⁰¹ Em “O Economista” de 10-4-1884.

¹⁰² Ibidem.

¹⁰³ Em “O Antonio Maria” de 10-4-1884, texto e caricatura.

immodesto, e, em vez de padre Amado, assignasse Desamado.

É esta pelo menos a opinião de um bacharel em medicina, que está aqui a meu lado, e que sua reverencia fusilou com dois exames no lyceu de Lisboa.

— Ponha-lhe lá o des, e deixe correr, diz o doutor.

Portanto: sr. padre Desamado!” ¹⁰⁴.

Numa pequena notícia do dia seguinte, o mesmo jornal escrevia:

“— Consta que o sr. padre Amado vae representar directamente ao papa, em latim, ácerca dos desacatos commetidos nas egrejas dos Jeronymos e Santa Justa por occasião das festividades da semana santa.” ¹⁰⁵.

Mais um dia passado e outro periódico dizia:

“ As festas de igreja não estiveram esta semana menos concorridas de que as festas theatraes de que vimos de fallar. Na igreja dos Jeronymos, sobretudo, cahiu o poder do mundo. O protesto apresentado pelo sr. padre Amado, no Diario de Noticias, contra aquelle desacato, não produziu o efeito que fôra para desejar e a batuta de Antonio Duarte pode mais no animo dos dilletanti de que o anathema de sua reverendissima no espirito dos fieis.

Consta que o sr. Padre Amado, em desforço do memoravel fiasco feito pela sua representação em portuguez, vae dirigir outra representação ao Santo Padre, mas d'esta vez em latim. Suspeitamos que sua reverendissima perderá o seu latim mas, em summa, é possível que d'esta vez alguém o entenda...” ¹⁰⁶.

E na semana seguinte:

“ Ao sr. visconde de Bomfim que felizmente para a camara,

¹⁰⁴ Em “O Economista” de 15-4-1884.

¹⁰⁵ Em “O Economista” de 16-4-1884.

¹⁰⁶ Em “O Antonio Maria” de 17-4-1884.

deu ao seu estopante discurso a ultima parte do seu illustre titulo, seguiu-se com a palavra o sr. marquez de Vallada.

O nobre fidalgo e dignissimo par, fallando em abono das reformas, foi uberrimo em citações latinas, trazendo até á balha S.Thomaz d’Aquino e Bellarmino, exactamente como o sr. Padre Amado quando tratou de pôr em evidencia a sua erudição em coisas da igreja a sua invencivel repulsão pelo bello sexo.

*Sempre nos quis parecer que havia de existir algum ponto de contacto entre o sr. Padre Amado, e o sr. Marquez da Vallada...*¹⁰⁷. Uma crónica de Mariano Pina, embora com tema diverso, mostrava não esquecer o padre por responsabilidades em factos passados. E dizia assim:

*“ (...) Quando fallavamos em Liberdade, escreviamos sempre respeitosamente o seu nome com um L maiusculo. Muito attentos nós eramos! E ao alludir à Reacção, o nosso desdem, o verde sarcasmo do nosso labio descahido, de nôjo, chegava até – ó temeridade da juventude! – a escrever a maldicta palavra com r pequeno. Não sei se o sr. padre Amado soube do desdem – o que é facto é que elle nos pagou o odio na mesma moeda, dando n’esse anno dois rr a dois dos nossos... (...)”*¹⁰⁸

Em Setembro desse ano de 1884, surgiria na Península Ibérica através de Portugal um surto de cólera o qual, pelas suas proporções, levou mais tarde à criação de um cordão sanitário. Mais uma vez, aproveitando o relevante facto, aparece mais um curioso texto aludindo à propagação da epidemia para Espanha:

“Como era de suppôr, logo que constou em Lisboa que fôra um Queixal que levára o microbio para Hespanha, todos os queixaes da cidade, sem distincção de classe nem de maxillas, fôram postos de quarentena, estabelecendo-se um

¹⁰⁷ Em “O Antonio Maria” de 24-4-1884, texto e caricatura.

¹⁰⁸ Em “A Illustração” de 5-5-1884. Mariano Pina era jornalista e director desta publicação.

lazareto especial, onde estes terríveis portadores do morbo serão beneficiados, fumigados, e em ultimo caso chumbados, quando as necessidades hygienicas assim o exigam.

Para exercer o cargo de chumbador-mór d'esse hospício, diz-se que será nomeado o reverendo padre Amado, tão notavel pelas suas chumbadellas no lyceu como pelos seus protestos no Diario de Noticias.

Esta ideia de chumbar os atacados de microbio não é propriamente invenção nossa; é apenas uma contrafacção grosseira, como se diz nos annuncios do papier Duc, do que actualmente se está usando lá por fóra, aonde, segundo informam telegrammas, os que fogem da terrível epidemia são chumbados a quartos de balla pelos habitantes das povoações onde esperavam encontrar abrigo e protecção.

*É uma grande abnegação humanitaria de que a Europa civilisada está dando provas, e que Portugal imita, como imitará tudo, sempre que se trate de progresso – d'este lote...”*¹⁰⁹

Dirigida ao padre Sena Freitas numa carta redigida em poesia, tem o padre Gilliatt reservado alguns versos ao padre Amado. Assim:

*“(...) Se elle peccou, pediu perdão do seu peccado,
E nem eu sei porque é que berra o padre Amado.
Berrar, berra elle sempre, e forte nos synonymos,
Ora tosa o Patriarcha, e as scenas dos Jeronymos,
Ora bate no Bispo, atroz, desapiedado.*

*Não é homem, é fera, é tigre o padre Amado!... (...)*¹¹⁰ Na verdade, em qualquer situação a que o padre Amado se exponha, e fá-lo com alguma frequência sobretudo emitindo as suas controversas opiniões, em especial sobre assuntos relacionados com a Igreja, logo aparecem críticas contundentes, em tom de basófia, como as

¹⁰⁹ Em “O Antonio Maria” de 11-9-1884.

¹¹⁰ No “Correio da Manhã” de 11-12-1884. José Joaquim de Sena Freitas [1840-1913] foi padre, orador, jornalista e escritor de obras sobre religião e moral.

que saíram num periódico de então, sob a forma de gazetilhas¹¹¹, adiante reproduzidas.

Três gazetilhas

*Padre Amado, padre Amado,
Cabes em peccado mortal.
Nunca te vi tão zangado!
Pódes crer que isso faz mal,
Padre Amado, padre Amado!*

*Quando deitavas raposas
Aos meninos do Lyceu,
Tinhas fúrias horrorosas...
Mas assim, não te vi eu
Quando deitavas raposas.*

*Ao padre Ayres de Gouvêa
Applicas enorme esfrega.
Porque é tanta coisa feia?
Queres chumbar o collega,
O padre Ayres de Gouveia?*

TOM.

*Pobre Ayres de Gouveia,
Tens á perna o padre Amado,
Que, a vinte réis cada linha,
Te excommunga, horrorizado!*

*Padre Amado grita e brama,
Com as maneiras mais fúlas:
— Se p'rá Bulla vae o Ayres,
Já ninguém mais compra bullas!*

*Ayres estás arranjado,
Pobre Gouveia infeliz!
Pois chumba-te o padre Amado,
Como quem chumba um petiz!*

*Não podendo reprovar-te,
O que era as suas delicias;
Faz-te um annuncio terrível
No Diario de Noticias!*

*Vem medonho, tenebroso,
Tanta prosa mette horror,
E o povo, ao lel-o, diz logo:
— É de Amado — o chumbador!*

*Foge, ó Ayres de Gouveia,
Que Amado está furibundo,
E elle, a vintem cada linha,
Chumba este e o outro mundo!*

ARGUS.

*Padre Amado, anda contente,
E satisfeito, afinal,
Porque o governo não cede,
E quer o imposto do sal.*

*Diz elle, o padre, o Amado,
Contente co'a brincadeira:
- Que grande falta de peixe
- Vae haver na sexta-feira!*

*- Ninguém pôde comer peixe,
- É peccado, é grande mal,
- Mas dá lucro à Santa Igreja
- O Santo imposto do Sal.*

*- Porque d'aqui p'ra o futuro,
- Sem pescada, pargo, ou lulas,
- Temos de apelar p'ra a carne,
- E assim vendem-se mais
bullas!*

ARGUS.

Numa crítica contundente a uma figura caricaturada e não identificada mas que se admite ser Fontes Pereira de Melo, é usado o nome de Sousa Amado para lhe acentuar o propósito:

“Incensado pelos thuribulos de quantos o admiram, é assim que Elle hade, entre nuvensinhas brancas de myrrha e de incenso, subir ao eterno reino dos ceus que o cathecismo do padre Amado lhe prometeu em pequenino.

¹¹¹ No “Jornal da Noite” de 4, 6 e 12-9-1884.

Nós, que nunca o incensámos, não podemos comtudo agora, no momento doloroso da partida, deixar de lhe prestar igualmente o concurso do nosso thuribulo...”¹¹²

Acabado “O Antonio Maria” começa o “Pontos nos ii” e Bordallo Pinheiro, de quando em vez, volta a lembrar-se de Sousa Amado, como aconteceu ao falar das Caldas da Rainha e da sua afluência, a ele se refere de raspão e talvez a despropósito:

*“Aquelle estabelecimento (o club) está um brinco. O sr. conselheiro Pim, tem n’o decorado tão bem como nós em tempo decorámos o cathecismo do padre Amado!”*¹¹³

Supõe-se que terá sido a partir desta fase final da sua vida que o padre Amado viveria mais recolhido, provavelmente passando temporadas na sua quinta da Cadriceira. A crer num periódico local teria mesmo estado num colégio eclesiástico local¹¹⁴. Não deixaria certamente de se manter ao corrente da vida de Lisboa e de tratar dos seus assuntos da capital.

São conhecidas algumas cartas dirigidas a Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa que era regente do Colégio de São José, em Benfica, das Dominicanas de Santa Catarina de Sena, cartas essas escritas quer de Lisboa quer da sua quinta¹¹⁵.

Já no ano seguinte, numa crónica onde se noticia a inauguração simultânea de um restaurante e de uma farmácia, lá vem o mordaz comentário a servir de ilustração:

¹¹² Em “O Antonio Maria” de 21-1-1885, texto e caricatura.

¹¹³ No “Pontos nos ii” nº10 de 9-7-1885.

¹¹⁴ Em “A Semana” de 25-12-1890, a propósito do passamento do padre. A instituição referida poderia ser o Colégio de Nossa Senhora dos Anjos, vulgo Colégio do Barro, mais tarde também noviciado, e da maior importância no restabelecimento da Companhia de Jesus iniciado em 1858. Fora fundado pelo padre Carlos João Rademaker, com o apoio do Marquês de Valada. Este último escrevia no jornal o “Bem Público” assim como Sousa Amado, e este estivera em “O Domingo” onde Rademaker também era redactor. Aliás já Sampaio Bruno na sua “Questão religiosa” os associava “*por serem símbolo do avanço da «onda negra» e do «reaccionarismo» em Portugal*”. No entanto, apesar destas coincidências e das pesquisas efectuadas, não foi possível estabelecer e confirmar qualquer relação do Padre Amado com aquele colégio.

¹¹⁵ Em ANTT, no Arquivo das Congregações, mç. 12, mct.1.

“Que esta pharmacia, na verdade, não é mais de que um complemento indispensavel d'aquelle restaurant.

*Dizendo um sabio proloquio que «das grandes ceias estão as sepulturas cheias» e vindo o restaurant tentar com as suas deliciosas ceias ainda o mais sobrio dos indígenas, foi uma obra de caridade pôr-lhe a botica no pé da porta, como o sr.padre Amado poz no cathecismo, junto aos sete peccados mortaes, igual numero das virtudes com que esses peccados se combatem... ”*¹¹⁶

E poucos meses depois, o mesmo jocosos articulista, põe na boca de um menino vaidoso a leitura de um anúncio a elogiá-lo pelo resultado no exame de admissão aos liceus, e diz dele que o sabia de cor – *«o que nunca lhe aconteceu nem com o cathecismo do padre Amado nem com a chorographia de João Felix Pereira»*¹¹⁷.

Já próximo do fim da vida, Sousa Amado veria ainda o seu nome referido num periódico, num texto literário de um escritor de nomeada, referindo-o como habitualmente:

“Muito contente por se ver livre da myopia insolente do mestre de latim, mettido em brio pela familia que via já n'elle o Camões do futuro, o Dominginhos embrenhou-se cheio de ardor e de boa vontade na grammatica Philosophica do Barbosa, nos logares selectos do Cardoso, na Rhetorica do Figueiredo, e fez um brilhante exame de terceiro anno de portuguez no lyceu, sendo muito apertado pelo sr.padre Amado que n'esse tempo era o terror da mocidade lisboeta.

...

- É muito bonito! Disse a esposa do sr.Leitão á mãe do Dominginhos; nunca imaginei que elle fosse tão fallante.

- Bem vê, minha senhora, observou o Pereira cheio de orgulho paterno, que não se dá assim um louvor no lyceu

¹¹⁶ No “Pontos nos ii” n°46 de 18-3-1886.

¹¹⁷ No “Pontos nos ii” n°65 de 29-7-1886.

*sem mais nem mais... E então o padre Amado, olha quem!”*¹¹⁸

O padre José de Sousa Amado faleceu em Lisboa, no Convento do Sacramento em Alcântara, no dia 19-12-1890¹¹⁹, e foi sepultado no cemitério da Ajuda¹²⁰.

O seu legado foi deixado a algumas pessoas de família, nomeadamente à sua irmã Joaquina e ao seu sobrinho Francisco¹²¹, mas sobretudo a algumas instituições, como a Irmandade dos Clérigos Pobres de Lisboa. A esta impõe a condição de criar duas escolas primárias, uma portuguesa, e outra francesa com professores comprovadamente católicos mandados vir de França. Manda rezar algumas missas e pede ainda que se lhe faça um funeral modestíssimo¹²².

A notícia do seu passamento aparece naturalmente em periódicos da época. Reproduzem-se dois artigos porventura dos mais representativos. Um jornal dizia assim:

“Falleceu na sua casa de Alcântara, o Rev. Desembargador P. José de Sousa Amado.

Mais um honrado legitimista, que desaparece de entre os vivos; mais um verdadeiro homem de bem, que a sociedade perde! O clero fica privado de um dos seus mais preclaros ornamentos, em saber e em virtude.

Era o Rev. P. Amado um sacerdote exemplarissimo, escravo do dever, e que nunca soube dobrar o animo nem a imposições de quem quer que fossem, nem a conveniencias pessoas. Despido de ambições e de vaidades, nunca procurou senão seguir fielmente os dictames da sua

¹¹⁸ O texto é de Gervásio Lobato e aparece em “O romance d’um amanuense” que foi publicado na revista “Ocidente”. São aqui reproduzidos dois excertos dos números 343 e 359 de 1888.

¹¹⁹ Livro de registos de óbitos da paróquia de Alcântara, assento nº376, fls.75v.

¹²⁰ Livro de registos gerais nº8 do 3º cemitério da Ajuda, a fls.28, o qual refere que o Sr. Padre José de Sousa Amado, foi inumado na Sepultura Temporária, nº 4727 da 8ª secção, e hoje já inexistente.

¹²¹ Tudo indica tratar-se de Francisco Maria de Sousa Amado [1851-], filho de José Feliz e Rosa Amado, irmã de José de Sousa Amado.

¹²² No ANTT, no Registo Geral de Testamentos, referido anteriormente.

consciencia de catholico firmissimo. Não sabia que a verdade podesse compadecer-se com a Revolução. A sua heroica intransigencia em coisas de religião, provocou-lhe por diferentes vezes uma guerra accintosa por parte dos impios e dos catholicos accommodaticios. Condemnou vigorosamente a falta de respeito nos templos e sobre este assumpto deixa alguns escriptos.

Em mais de uma occasião foi convidado a aceitar uma mitra. Mas o Rev. P. Amado, que despresava as ostentações e preferia uma relativa obscuridade em que entregue a outros trabalhos, tivesse socego de espirito, excusou-se sempre ao peso das grandes responsabilidades prelaticias, e declarava que só terminantemente obrigado pela obediencia á Santa Sé, chegaria a aceitar tão espinhosa dignidade.

Em politica, era um legitimista convicto, e tão fiel aos principios da nossa bandeira, que nunca lhe recusou um serviço, quando algum lhe era pedido. Era homem de sã conselho, e muitas vezes nol-o deu em materia grave julgada duvidosa.

Deixa um grande numero de escriptos, em que trabalhou a maior parte da vida, alguns de subido merecimento. Muitos d'elles, puramente de ensino, foram por largos anos adoptados nas escholas. Outros, o maior numero, versam em assumptos de religião e de politica. Na nossa folha acham-se dispersos muitos substanciosos artigos do Rev. P. Amado.

Foi um trabalhador infatigável que, confiamos na Justiça divina, terá a esta hora recebido já o salario dos seus longos e arduos trabalhos.

Profundamente sentimos pois a sua morte, e junctamos a nossa dôr á de quantos justamente a deploram. ¹²³

Também outro periódico publicava noticia e bem mais curiosa:

“Falleceu o padre Amado, professor jubilado do lyceu central de Lisboa. Foi durante largos anos o terror dos estudantes.

¹²³ Em “A Nação” de 23-12-1890.

*Andou cantado em gazetilhas e glosado em facécias. A velhice tinha-o feito rabujento, tornara-o impaciente. Os rapazes tremiam d'elle como varas verdes. E d'ahi talvez apenas procurasse cumprir o seu dever. Que a terra lhe seja leve, e o chumbo também.”*¹²⁴

Dizia ainda um outro, após uma muito breve biografia, que:

*“Era um ecclesiastico muito zeloso e exemplar. Ainda poucos dias antes de fallecer, tinha vindo confessar-se á igreja de Santa Brigida, na rua do Quelhas.”*¹²⁵

Terminava assim a vida de um padre multifacetado. Professor e pedagogo, historiador, juiz, jornalista e escritor.

Como disse Mendes Pinto no seu estudo sobre o mesmo personagem, numa opinião que inteiramente partilho, *“ler a obra de Amado não é participar numa luta, é presenciar um enorme testemunho de força e coerência que, logicamente, não é o nosso”*¹²⁶.

A quase dois séculos de distância não faz sentido concordar ou discordar dele, antes entendê-lo e aceitá-lo como um dos mais acérrimos defensores de uma importante corrente, das muitas que se degladiavam naquela turbulenta época da nossa história.

Mantinha-se permanentemente atento a tudo o que acontecia no país e no mundo, e sempre que entendia que a sua opinião era importante formulava-a através de artigos no jornal ou publicando opúsculos, sempre com uma argumentação muito estudada e ajustada aos temas em causa. Sempre intransigente, muitas vezes obcecado e inflamado na defesa do que entendia serem os seus valores, sobretudo os da Igreja e da Moral, mas também os da política. Era um conservador extremista, considerado reacionário,

¹²⁴ No “Diario Illustrado” de 21-12-1890.

¹²⁵ Em “Novo Mensageiro do Coração de Jesus” de Janeiro de 1891.

¹²⁶ Paulo Mendes Pinto em “José de Sousa Amado e as lutas contra a heterodoxia social e religiosa: um percurso bibliográfico”, Lusitania Sacra, 2ªsérie, Vol.16/2004, pág.385-398. Este interessante artigo, que é o único que conheço sobre a pessoa do padre Amado, foi provavelmente o que mais me inspirou para fazer esta investigação. Recomendo a sua leitura a interessados pelo personagem.

com incapacidade para entender ou sequer ouvir os seus opositores. Também por isso conquistou uma grande notoriedade no seu tempo, agarrada por vezes à figura grotesca com que era representado. Não deixou no entanto de ter junto dos seus, porventura os mais sectários da sociedade de então, uma imagem de lutador pela qual era por eles muito respeitado.

A 21 de Julho de 1891, a pedido da Irmandade dos Clérigos Pobres, celebrou-se na igreja de Santa Marta em Lisboa, uma missa por alma do padre José de Sousa Amado¹²⁷.



¹²⁷ No “Diario Illustrado” de 20-07-1891.

ANEXO – OBRA ESCRITA DO PADRE JOSÉ DE SOUSA AMADO

PUBLICAÇÕES¹²⁸ (* Data aproximada)

- O mez de Maio ou mez da familia em honra de Maria Santissima 1842*
- Compendio de Doutrina Christã. Seguido de respostas ás objecções dos incredulos contra a religião e dos principios geraes de moral 1845*
- Cartas sobre o estado actual da religião católica em Inglaterra por Casimir J. Aubert (tradução) 1850
- Novena em beneficio das almas do Purgatório pelo Bispo de Belley (tradução anónima) 1851*
- Notícia breve dos exercícios do mez de Maria em Lisboa no anno de 1851 : seguida de reflexões para maior fervor no próximo mez de Maio : e para desagravo do horroroso desacato, perpetrado nos dias do carnaval nas ruas da cidade de Ceva, na Sardenha, contra a Sagrada Imagem de Maria Santissima 1852
- O respeito nos templos ou observações moraes e religiosas acerca do comportamento dos cristãos nos templos 1853
- Rosario vivo, modo novo de resar o rosario de Maria Santissima (obra anónima) 1855
- A necessidade da confissão para a felicidade d'este mundo e do outro 1856
- As prisões da Junqueira durante o ministerio do Marquez de Pombal, escriptas alli mesmo pello Marquez de Allorna, uma das suas vitimas. Publicadas conforme o original 1857
- Associação de supplicas para alcançar de Nosso Senhor Jesus Christo presente no Santissimo Sacramento do Altar o triumpho da Igreja 1857
- Doutrina cristã que se deve saber para receber com proveito o sacramento da Confirmação 1857
- Livrinho de desagravo em honra do Santissimo Sacramento para os dias dos desacatos que constam da tabela junta 1857
- Cautela com os medicos ou observações e exemplos sobre a conveniencia e necessidade de não convidar nunca senão os medicos religiosos, e de rejeitar sempre os medicos impios 1858
- Compendio de chorographia de Portugal seguido de uma carta chorographica para uso dos alumnos de Instrucção primaria 1858
- Memória do Mosteiro do Sacramento em Alcântara 1858
- O quarto mandamento da lei de Deus, ou exemplos de amor, obediência e respeito de. muitos filhos para com seus paes e mães 1858
- Vida de Santa Stephanía, religiosa do convento da Ordem de S. Domingos em Soncino 1858
- Os conventos de religiosas em Portugal e na Inglaterra... com uma breve noticia das Irmãs de Caridade em Lisboa e outros logares 1859
- Algumas reflexões acerca da primeira comunhão 1860
- O Governo Português mostrado á Espanha, á Bélgica, á Inglaterra, á França e a outras nações da Europa ou a questão da venda dos bens das religiosas em Portugal, e a proibição das profissões 1860
- Compêndio de geografia de Portugal para uso dos alunos de instrucção primária : seguido de cartas corográficas do reino e dos arquipélagos dos Açores e Madeira 1861

¹²⁸ Lista constituída a partir de fontes diversas como sejam dicionários e enciclopédias, além de outros trabalhos já referidos.

- Compendio de geographia das províncias e colonias potuguezas de alemmar, na Europa, Asia, África e Oceânia... 1861
- Compêndio de geografia das províncias e colónias portuguesas d'além mar 1862
- Programma para o curso dos trez annos da lingua portugueza nos lyceos : seguido de lições de portuguez 1862
- Província de Macau na Asia e Australásia (material cartográfico) 1862
- Exposição universal do fim do mundo (obra anónima) 1863
- Novo atlas dos provincias portuguesas de alem-mar na Europa, Africa e Australasia, conforme as melhores cartas geographicas nacionaes e estrangeiras 1863
- Historia da reforma protestante em Inglaterra e Irlanda, fazendo ver que este acontecimento abateu e empobreceu a maior parte dos habitantes d'estes paizes de William Cobbett (tradução) 1864
- Modo de ganhar o Jubileu, concedido por Sua Santidade Pio IX 1865
- Ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Dr. Vicente Ferrer Neto Paiva : carta sobre o casamento civil 1865
- Algumas composições de verso latino em dez metros 1867
- O mes de Maria portuguez ou o mez de Maio, meditações para todos os dias do mez, tiradas dos melhores auctores portuguezes... 1867
- O mez de Jesus ou o mez de Janeiro consagrado a Jesus Christo 1865*
- Selecta portuguesa para uso dos alumnos de instrucção primaria e secundaria: seguida de um dicionário de vocábulos 1867
- Compendio de geographia 1869
- Selecta portugueza extrahida dos melhores classicos 1869
- História da Igreja Católica em Portugal, no Brasil e nas possessões portuguesas 1870-9
- Documentos e reflexões para o processo, em primeira e segunda instancia, do sr. Padre João Manuel Cardoso de Napoles, nas lojas maçonicas ir. . «Bailly» e «Lamennais», nomeado para arcebispo coadjutor de Goa, e do sr. Padre Antonio Ayres de Gouveia, na loja maçonica ir. . «Eurico» apresentado para bispo do Algarve. Não podem ser confirmados em Roma como neste opusculo se mostra... 1871
- A compra da igreja do extinto convento de Nossa Senhora dos Remédios em Lisboa por uma seita protestante 1872
- As coristas nas egrejas dos Martyres, Santa Catharina, Socorro, e Conceição Velha, ou observações theologicas contra os parochos das tres primeiras, e capellão da quarta, por permittirem a mulheres a cantar na novena da Conceição 1872
- Lições de Portuguez, Primeira Parte 1872
- As coristas nas egrejas dos Martyres, Santa Catharina, Socorro e Conceição Velha, ou refutação de erros tambem contra a doutrina da Igreja catholica, publicados pelos snr. Padres Vieira e Brito (Parte II) 1873
- Os protestantes desmascarados, ou os protestantes de hontem, de hoje e de amanhã 1873
- Chorographia da Lusitania acompanhada de uma carta geographica para uso dos alumnos do segundo anno de geographia, e principalmente no exame final da disciplina 1874
- Compêndio de geografia das províncias e colónias portuguesas d'além mar na Europa, África, Ásia e Australásia 1874
- Chorographia da Lusitânia (anónima) 1874
- Refutação da selecta nacional 1874

- Refutação de leituras inconvenientes e erros manifestos contra a religião catholica apostolica romana que se encontram na Selecta Nacional publicada por F. Julio Caldas Aulete 1874
- Exposição contra os protestantes da doutrina catholica acerca da presença real de Jesus Christo no Sacramento da Eucharistia, segundo a doutrina dos Sanctos Padres. 1º opusculo desde o sec. I até ao sec. VI 1875
- Leituras tiradas do Evangelho 1875
- Modo de ganhar com aproveitamento a indulgencia plenária do jubileu universal neste ano de 1875 1875
- Refutação da «Selecta Nacional». Segunda parte. Erros mais e menos graves dos artigos primeiro e ultimo da mesma «Selecta» 1876
- Observações moraes e canonicas contra os erros do jornal O Bem Publico 1877
- Roma e Portugal, ou exposição succinta dos beneficios que os portuguezes tem recebido dos romanos pontifices desde a fundado da monarchia até hoje 1877
- Observações moraes, religiosas e historicas contra o sr. Dr. J. F. Garcia Diniz (...) 1879
- Modo de ganhar o presente jubileu decretado por Sua Santidade Leão XIII 1881
- Heroismo da jovem e ilustre senhora portugueza D. Izabel Juliana de Souza, visavó da actual duquesa de Palmella e dos marqueses de Monfalim e de Cezimbra, ou o marques e a marquesa de Pombal humilhados, confundidos, vencidos. 1882
- A questão nuncio, ou observações sobre apresentação de presbyteros para bispos e não aceitação delles pelo nuncio, seguida de breves reflexões, acerca da necessidade de nova divisão esclesiastica das diocese 1883
- O mez de Outubro, ou o mez de Nossa Senhora do Rosário : meditações ácerca do modo de resar o rosário com aproveitamento 1883
- Compendio de geographia acompanhado de cartas geographicas geraes e especiaes da Europa 1884
- O mês de Junho ou o mês de Santo António de Lisboa : meditações e considerações sobre os pontos principais da prodigiosa vida deste Santo 1886
- O mez de Julho ou o mez da admiravel e prodigiosa Sancta Isabel, rainha de Portugal 1887
- Progresso das ordens religiosas dos dois sexos na Inglaterra durante os últimos vinte anos : 1867-1887 1887

ALGUNS ARTIGOS EM “O DOMINGO”

- A doutrina cristã em Roma nº4 / 2-6-1855
- Os párocos e as côngruas – sobre os honorários dos padres nº6 / 16-6-1855
- Artigo sobre as medidas do Conselho Superior de Instrução Pública nº8 / 30-6-1855
- Pro suma ejus dedicatione nº9 / 7-7-1855
- Voltaire e os párocos – sobre os meios de subsistência dos padres nº12 / 28-7-1855
- Uma observação nº12 / 28-7-1855
- Mais outra prova nº12 / 28-7-1855
- Artigo sobre a pastoral do bispo da diocese da Madeira nº13 / 4-8-1855
- Artigo sobre dois opúsculos contra a religião ‘verdadeira’ nº13 / 4-8-1855
- Um seminário em Setúbal nº15 / 18-8-1855
- Advertência à direcção da Companhia-Omnibus nº17 / 1-9-1855
- Um colégio em Oeiras nº19 / 15-9-1855
- A última enfermidade e os últimos momentos de Voltaire (cont. de nº8) nº19 / 15-9-1855
- A morte dos ímpios (ainda sobre Voltaire) nº19 / 15-9-1855
- O Rosário vivo (sobre a devoção do mesmo) nº21 / 29-9-1855
- Seria Sua Eminência iludido? nº22 / 6-10-1855
- O Marquês de Pombal, e a Reforma da Universidade de Coimbra nº23 / 13-10-1855
- O leiriense e o protestantismo nº24 / 20-10-1855
- Os russos em França e a santificação do Domingo nº25 / 27-10-1855
- O padre e os coléricos nº26 / 3-11-1855
- A imprensa volteriana, e a reacção religiosa nº27 / 10-11-1855
- Os padres e o terramoto de 1755 nº28 / 17-11-1855
- As preces em Alverca nº28 / 17-11-1855
- Desagravo nº28 / 17-11-1855
- Notícias Religiosas nº29 / 24-11-1855
- O Marquês de Pombal, e a Reforma da Universidade de Coimbra nº29 / 24-11-1855
- Resposta a uma carta sobre “O leiriense e o protestantismo” nº30 / 1-12-1855
- Artigo sobre Maria Imaculada nº31 / 7-12-1855
- Notícias Religiosas – Sobre a Turquia nº31 / 7-12-1855
- A comunhão dos fieis na missa do Natal à meia noite nº34 / 29-12-1855
- Comentário a notícia do Leiriense nº34 / 29-12-1855
- As autoridades ignorantes, ou imorais, e a profanação do Domingo nº35 / 5-1-1856
- O mau tempo e a profanação do Domingo nº38 / 26-1-1856
- Eatado da Igreja Católica na Espanha nº39 / 1-2-1856
- Notícias Religiosas nº39 / 1-2-1856
- O Jornal do Comércio e os párocos de Lisboa nº40 / 9-2-1856
- Artigo sobre declarações do Ministro do Reino nº41 / 16-2-1856
- A confissão I nº41 / 16-2-1856
- A confissão II nº42 / 23-2-1856
- A confissão III nº43 / 1-3-1856
- A confissão IV nº44 / 8-3-1856
- Ódio do Marquês de Pombal contra o Padre Teodoro de Almeida nº44 / 8-3-1856
- Notícias religiosas nº44 / 8-3-1856
- Os abusos nas igrejas de Lisboa durante a Semana Santa nº45 / 15-3-1856
- Abusos escandalosos por ocasião da Semana Santa em Lisboa nº45 / 15-3-1856
- A confissão V nº46 / 22-3-1856
- A confissão VI-VII nº47 / 29-3-1856
- A confissão VIII nº48 / 5-4-1856
- Lausperene na Real Capela das Necessidades nº49 / 12-4-1856
- O Marquês de Angeja e o padre Teodoro de Almeida nº49 / 12-4-1856

- O Padre Teodoro de Almeida e a Academia Real das Ciências de Lisboa n°50 / 19-4-1856
- Uma recordação agradável n°50 / 19-4-1856
- O padre Teodoro de Almeida, e as religiosas da Visitação n°51 / 26-4-1855
- A conversão de uma família protestante pelo padre Teodoro de Almeida. n°52 / 3-5-1856
- As ordens religiosas n°53 / 10-5-1856
- Zelo do Ex.mo Sr. Bispo da Madeira contra o protestantismo n°54 / 17-5-1856
- Escândalo atroz n°54 / 17-5-1856
- A inconstância das crenças protestantes mostrada aos madeirenses n°55 / 24-5-1856
- Artigo sobre jornalismo n°55s / 2-6-1856
- Pastoral do bispo do Funchal n°55s / 2-6-1856
- Escândalo gravíssimo n°55s / 2-6-1856
- Sua Em.^a e o português n°57 / 28-6-1856
- A *Monarchia* do Porto adere ao protesto n°58 / 5-7-1856
- Artigo sobre outro de A Nação n°59 / 12-7-1856
- Desacato na igreja paroquial do Campo Grande n°60 / 19-7-1856
- Noticias religiosas n°60 / 19-7-1856
- O desacato no Campo Grande n°62 / 2-8-1856
- Saudades de Varatojo n°62 / 2-8-1856
- Noticias religiosas n°62 / 2-8-1856
- Desacato por outro gosto n°64 / 16-8-1856
- Tempus edificandi n°64 / 16-8-1856
- Desacato n°65 / 23-8-1856
- A nação e a reforma da universidade n°65 / 23-8-1856
- A febre amarela em Lisboa n°71 / 4-10-1856
- Artigo sobre Belmonte n°72 / 11-10-1856
- A nação e a reforma da universidade n°73 / 18-10-1856
- Notícias religiosas n°73 / 18-10-1856
- Devoção especial para com o Santíssimo Sacramento no Norte de Portugal n°74 / 25-10-1856
- Decreto do sr. Ministro da Marinha em oposição com a doutrina da Igreja n°75 / 31-10-1856
- As missões no Minho n°75 / 31-10-1856
- O clero e os seus detractores n°76 / 8-11-1856
- Perseguição do Marquês de Pombal à devoção em desagravo ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia em 1765 n°77 / 15-11-1856
- Escândalos gregos n°79 / 29-11-1856
- Primeira festividade a Maria Imaculada em Portugal n°80 / 6-12-1856
- O governo a reconhecer a falta dos frades n°82 / 27-12-1856
- Noticias religiosas n°82 / 27-12-1856
- A comunhão na missa do dia de Natal à meia noite n°84 / 3-1-1857
- Pastoral do sr. Arcebispo de Braga n°84 / 3-1-1857
- Noticias religiosas n°84 / 3-1-1857
- Introdução do protestantismo em Portugal n°85 / 10-1-1857
- Pastoral do sr. Arcebispo de Paris n°85 / 10-1-1857
- Representação do clero do Arciprestado de Alenquer a Sua Eminência n°86 / 17-1-1857
- Representação do clero de Lisboa a Sua Eminência n°87 / 24-1-1857
- Os desacatos em França n°88 / 31-1-1857
- Obras de caridade pelas almas do Purgatório n°89 / 7-2-1857
- Pastoral do sr. Arcebispo de Paris n°89 / 7-2-1857
- As primeiras constituições do bispado de Leiria n°90 / 14-2-1857
- A educação n°91 / 21-2-1857
- As irmãs de caridade em Lisboa n°93 / 7-3-1857
- A Festa da Instituição do Santíssimo Sacramento a 24 de Março n°94 / 14-3-1857
- Noticias religiosas n°94 / 14-3-1857

- Leiam e lamentem nº96 / 28-3-1857
- Noticias religiosas nº96 / 28-3-1857
- Documentos para a história do jansenismo nº97 / 4-4-1857
- O trabalho nos Domingos de 15 e 22 de Março nº97 / 4-4-1857
- Recompensa da vigilância nº98 / 11-4-1857
- Variedades na Semana Santa nº99 / 18-4-1857
- Associação de súplicas nº103 / 16-5-1857
- A opinião pública e as freiras nº103 / 16-5-1857

ALGUNS ARTIGOS EM “A NAÇÃO”

- Carta à redacção sobre o livro de Renan, “Vida de Jesus” nº4873 / 16-3-1864
- O sr. Dr. Nápoles e o seu defensor nº7084 / 17-9-1871
- Comunicado do padre Amado sobre os cantos feminis nº8367 / 25-12-1872
- Protesto contra o desacato na Igreja de S.Paulo nº9286 / 9-3-1876
- Requerimento à Câmara dos Pares sobre as ordens religiosas nº9854 / 7-4-1878
- Texto sobre D.Pedro nº11827 / 31-7-1881
- Protesto de JSA contra os atentados em Roma na transladação de Pio IX nº11853 / 1-9-1881
- Desacato em Roma no governo do imperador Tibério nº12007 / 15-3-1882
- Morte do padre João Luís Peydessus (1) nº12007 / 15-3-1882
- Morte do padre João Luís Peydessus (2) nº12024 / 5-4-1882